

# REVISTA MODERNA

Magazine Quinzenal Illustrado

Director : M. Botelho

## Revista Moderna

Artes e Lettras

### Summario :

O PAPA LEAO XIII  
Silva Bastos

SÃO PAULO  
W. Roberts

A QUINZENA POLITICA  
M. Botelho

ALPHONSE DAUDET  
X.

O VAPOR  
Lopes de Mendonça

CYRANO DE BERGERAC

FIGURAS E QUADROS DO SECULO XVIII  
EM PORTUGAL

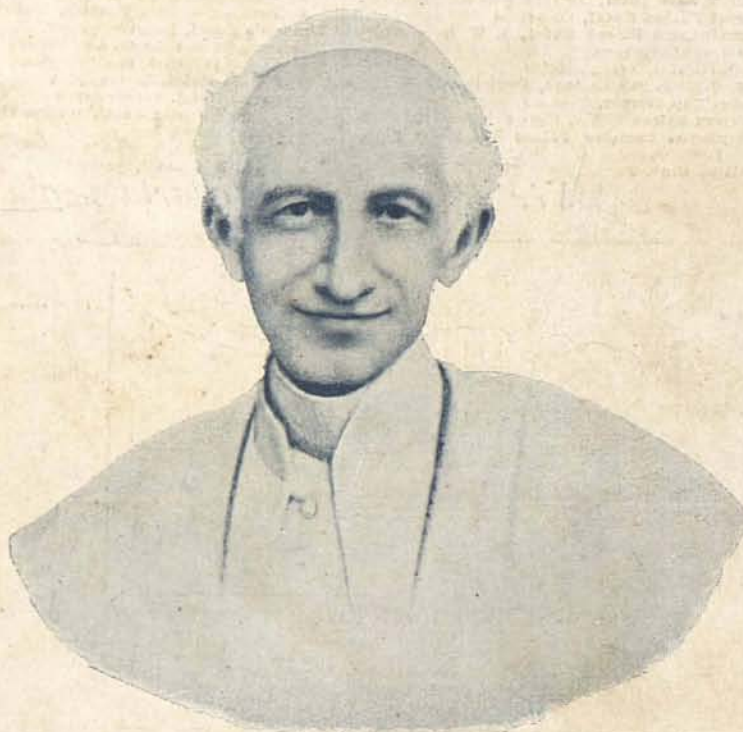
Maria Amalia Vaz de Carvalho

LIVROS NOVOS  
Reader

A CIDADE DAS EGREJAS

NOTICIARIO ILLUSTRADO

A ILLUSTRE CAZA DE RAMIRES  
EÇA DE QUEIROZ



LEÃO XIII

MAPLE E CIA

Tottenham Court Road

LONDRES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

MAPLE - LONDRES



MAPLE E CIA

Rua Boudreau (Perto da Opera)

PARIS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha

## O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

LISTA dos principaes Hoteis, Bancos, Clubs e Grandes Repartições Publicas na Europa e America mobiliadas pela casa MAPLE e Cia.

Élysée Palace Hotel, Avenue des Champs-Élysées, Paris  
 Turf Club, Lisbonne  
 The Grand Hotel, Trafalgar Square  
 » Hotel Métropole, Monte-Carlo  
 » Hotel Métropole, Cannes  
 » Cavalry Club, Piccadilly  
 » New Traveller's Club, Piccadilly  
 » Imperial Hotel, Bournemouth  
 » Knowles Hotel, Sidmouth  
 » Prince of Wales Hotel, Holyhead  
 » St. Stephen's Club, Westminster  
 » Junior Constitutional Club, Piccadilly  
 » Great Northern Hotel, King's Cross  
 » Euston and Victoria Hotels, Euston Square  
 » Turf Club, Piccadilly  
 » Brighton New Club, Brighton  
 » Stirling County Club, Stirling  
 » Racquet Club, Liverpool  
 » Cliftonville Hotel, Margate (part refurnishing).  
 » Royal Forest Hotel, Chingford  
 » Buckingham Palace Hotel, S. W. (new wing)  
 » Volksraad, Pretoria  
 » Royal Hotel, South Shields  
 » Royal Holloway College, Virginia Water  
 » Hotel Cap Martin, Mentone  
 » Riviera Palace Hotel, Cimiez  
 » Bosphorus Summer Palace Hotel and Club, Therapia  
 » British Club, Paris

The Kimberley Club, Kimberley  
 » Hotel Burlington, Sunny Boscombe  
 » First Avenue Hotel, Holborn  
 » Constitutional Club, Northumberland Avenue  
 » Government House, Simla  
 » Burlington Hotel, Old Burlington Street  
 » Hotel Victoria, Northumberland Avenue  
 » Royal Station Hotel, Hull (for North Eastern Railway)  
 » Great Eastern Hotel, Parkstone  
 » Grand Hotel, Brighton (new bedroom wings)  
 » Liverpool Club, Liverpool  
 » Victoria Club, Jersey  
 » West Cumberland Club, Whitehaven  
 » Malvern House Hydropathic Establishment, Buxton  
 » Charing Cross Hotel, new wing (50 bedrooms)  
 » Jockey Club, Newmarket  
 » Devonshire Park Pavilion, Eastbourne  
 » Crewe Hotel, Crewe, for L. & N. W. Ry. Co.  
 » Devonshire Park Theatre, Eastbourne  
 » Limmer's Hotel, Hanover Square  
 » The Pump House Hotel, Landrindod Wells  
 » Sackville Hotel, Buxhill-on-Sea  
 » Plough Hotel, Northampton  
 » Grand Hotel, Peterborough  
 » Grand Atlantic Hotel, Weston-Super-Mare  
 » Grand Hotel, Jersey  
 » Grand Hotel, Lowestoft  
 » Esplanade Hotel, Seaford

The Coburg Hotel, Grosvenor Square  
 » Hotel Métropole, London  
 » Hotel Métropole, Brighton  
 » Great Eastern Hotel, Liverpool Street  
 » Savoy Hotel, Victoria Embankment  
 Le Cercle d'Orient, Pera  
 Le Cercle, Smyrna  
 Le Cercle Khedival, Alexandria  
 Le Cercle Bilbao, Spain  
 Le Cercle de Residentes Étrangères, Rosario  
 The Hellenic Club, Smyrna  
 » Hotel St. George, Mustapha Superior  
 » Station Hotel, York (for North Eastern Railway Company)  
 » Queen's Hotel, Birmingham  
 » County Hotel, Newcastle  
 » Grand Hotel, Northampton  
 » Burlington Hotel, Eastbourne  
 » Park Hotel, Preston  
 » Hotel Carol 1<sup>ra</sup>, Kustendjie, Roumania  
 » Senate House, Buenos Ayres  
 » Central Station Hotel, Glasgow  
 » Royal London Yacht Club, Cowes  
 » Royal Spithead Hotel, Isle of Wight  
 » L. & N. W. Railway Hotel, North Wall Dublin  
 » Avenida Palace Hotel, Lisbon  
 » Eatabourne Hydropathic Establishment, Eastbourne  
 » Buxton Hydropathic Establishment, Buxton

Vêr o annuncio na quarta pagina capa, lado exterior

**MACDOUGAL & COMPANY**  
**SCOTCH TAILORS.**  
 1, rue Auber,  
**PARIS.**  
 (Au coin de la rue Scribe)



55, RUE D'EPERNAY, 55

BRUXELLAS

Fabrica em Namur

Belgica

**LEUSSEU FILS & C<sup>o</sup>**

Fabricantes de Armas de Precisão

ESTABELECIDOS EM 1874

55, RUE D'EPERNAY, 55

BRUXELLAS

Fabrica em Namur

Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça ; carabinas de tres canos, systema Leusseau — Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explorações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

# REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde, PARIZ.

## O NOSSO PROXIMO NUMERO

O nosso proximo numero será dos mais variados que temos publicado; alem do artigo de EDUARDO PRADO sobre JOAQUIM NABUCO, a que em outro logar nos referimos, esse numero inserirá um conto inedito e dos melhores do nosso distincto collaborador TRINDADE COELHO; uma esplendida photographia de ARNALDO FONSECA representando a cerimonia da abertura das Cortes em Portugal, e muitos outros artigos de actualidade.

Esse numero será acompanhado do nosso :

### SUPPLEMENTO DE MODAS

desenhado pelo notavel artista VILLENEUVE cujas composições originaes e de um gosto indiscutivel tanto successo obtiveram no nosso ultimo numero.

## JOAQUIM NABUCO

E no proximo numero e não no actual como por engano annunciámos, que apparecerá na REVISTA MODERNA o retrato do grande orador e celebre litterato brasileiro Joaquim Nabuco, acompanhado de um artigo biographico, dos mais interessantes.

## FILINTO D'ALMEIDA

Por um esquecimento incomprehensivel, o nome de Filinto d'Almeida não figurava no sumario do nosso ultimo numero se bem que a sua espirituosa poesia tivesse sido inserida.

O grande poeta brasileiro nos perdoará decerto semelhante falta, pois conhece a alta admiração e particular sympathia que temos pelo seu brilhante talento.

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS

— *Revue illustrée*. — N° 3 (13° anno), de 15 de Janeiro corrente. Traz o retrato do poeta Edmond Rostand e algumas poses de Coquelin ainé no famoso drama, *Cyrano de Bergerac*, actualmente em pleno successo no theatro da Porte St-Martin.

— *Revue Illustrée*. — N° 4 (1° de Fevereiro). Traz o retrato da bella *pensionnaire* da Comédie-Française, M<sup>lle</sup> Wanda de Boncza, alem de um magnifico artigo de Anatole France sobre o castello de Pierrefonds, e outros artigos igualmente dignos de interesse.

— *Sport Universel*. — O numero de 29 de Janeiro vem, como habitualmente, muito noticioso. O numero de 5 de Fevereiro traz circumstanciadas informações relativamente ao grande premio de Nice, acompanhadas de *instantaneos*.

— *O 15 de Novembro*. — Recebemos os ultimos numeros d'esse orgão republicano, que se publica em Sorocaba, Estado de S. Paulo (Brazil). Agradecemos o artigo que dedica á nossa *Revista*.

— *Vera-Cruz*. — Revista d'arte, de que é director o Sr. Oliveira Gomes e secretario o Sr. Netto Machado. Publicada no Rio de Janeiro e impressa na

typographia Aldina, traz o retrato de Raul Pompeia, o fino e delicado litterato, cuja morte encheu de luto a litteratura brasileira. A revista *Vera-Cruz* publica poesias de B. Lopez, o apreciado poeta, e de Figueiredo Pimentel, conhecido romancista.

— *La Diplomatie*. — Recebemos os quinze primeiros numeros d'esta interessante publicação, que tem dado retratos do Sr. Félix Faure e de Alexandre III, Affonso XIII e varios outros soberanos. *La Diplomatie*, revista quinzenal, satisfaz plenamente ao fim a que se destina, definido pelo seu titulo.

— *Echos da Avenida*. — Semanario illustrado, politico, scientifico, noticioso e theatral. Traz nos quatro numeros que recebemos, os retratos de S. M. El Rei de Portugal, Bento Carqueja, Conselheiro Ferreira do Amaral e da celebre cantora Tettrazzini.

— *A moda elegante*. — O n° 4 (2° anno) encerra boas gravuras e dá preciosas informações sobre as modas actuals.

— *Le Brésil*. — Os dois ultimos numeros relatam com a costumada imparcialidade os acontecimentos do Brazil. Noticioso e bem informado são qualificativos a que *Le Brésil* tem feito jus, desde o inicio de sua publicação.

— *Revue du Brésil*. — O n° 31 traz os retratos de Garcia Redondo, Alves Muniz e Umberto Giordano, auctor d'*André Chénier*. O texto é variado e interessante.

— *O Pó da Estrada* — por Martinho de Brederode. Collecção de poesias, sobre as quaes mais demoradamente nos pronunciaremos.]

— *Contos e phantasias* — por José-Vicente Sobrinho. — Daremos mais tarde detida noticia sobre esse volume após conscienciosa leitura, como merece o nome do seu aucto.

— *Contos de fadas*, de Ch. Perrault. É o n° 1 da « Bibliotheca das Creanças », mimosa publicação que a Livraria Moderna, de Lisboa, acaba de iniciar.

# Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL

E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL	FRANÇA	PORTUGAL
	e outros paizes da União Postal.	
Um anno. . . . . 50\$000	Um anno . . . . . 40 francos	Um anno . . . . . 10\$000
6 mezes. . . . . 30\$000	6 mezes. . . . . 24 "	6 mezes. . . . . 5\$500
Numero avulso. . . 2\$500	Numero avulso. . . 2 "	Numero avulso. . . 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

### BRAZIL

Rio de Janeiro. LAEMMERT E C<sup>ia</sup>, *Rua do Ouvidor.*  
São Paulo . . . . . CASA GARRAUX, *Rua de 15 Novembro.*  
Pernambuco. . . LAEMMERT E C<sup>ia</sup>, *Rua Marquez de*  
*Olinda.*  
Pará. . . . . LIVRARIA COMMERCIAL, *Rua João Alfredo.*

Pelotas . . . . . CARLOS PINTO E C<sup>ia</sup>.  
Santos. . . . . WEINMANN ET C<sup>ia</sup>.  
Campinas. . . . . } LIVRARIA ESCOLAR.  
Ceará . . . . . } ALFREDO GENOUX.  
JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Portugal

PARIZ : Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde et Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens

LONDRES : Arsenio Pinto Leite e C<sup>ia</sup>, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

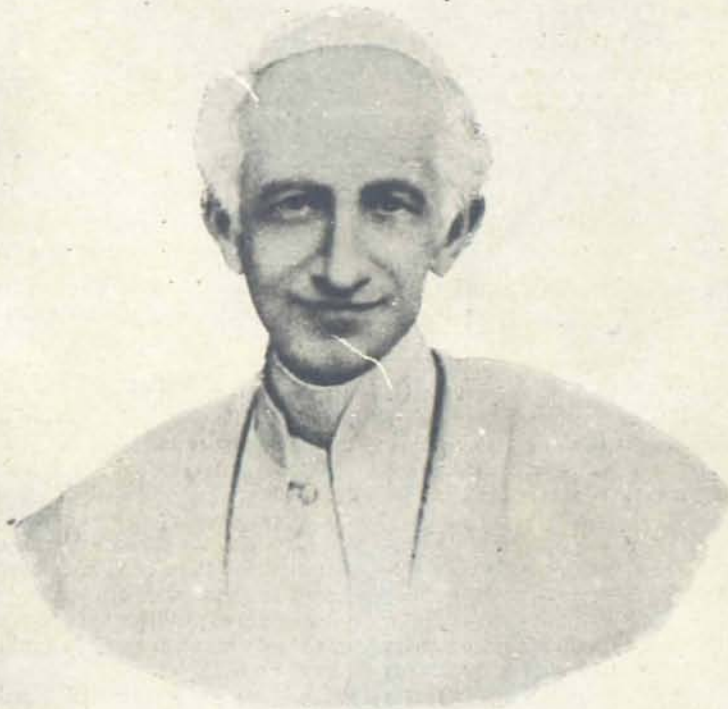
A responsabilidade de cada artigo inserido na *REVISTA MODERNA*, incumbe ao seu respectivo autor.

# O Papa Leão XIII

SUA PHYSIONOMIA RELIGIOSA, POLITICA E SOCIAL



É certo que a politica papalina parece ter attingido as suas culminancias no periodo que vae desde 1878 até 1892 — só Deus sabe se estarão reservadas ainda maiores glorias ao actual Pontifice — não é menos certo que o grande vulto que se senta na cadeira de S. Pedro tem trabalhado sem treguas desde então até hoje na sua obra de paz, de conciliação, de justiça e de propaganda evangelisadora. N'um dia, eil-o a receber as peregrinações de catholicos, as dos operarios, ajoelhados a seus pés e escutando a sua palavra tão cheia de ensinamento, tão repassada de profundo amor christão, tão persuasiva de bom conselho; n'outro, eil-o a dar a ultima de mão n'uma nova encyclica do Rosario, descobrindo novos pontos de vista de theologia e de moral san; n'outro, faz ouvir a sua voz para louvar o pensamento que presidiu á recente cerimonia da inauguração da confraria de Nossa Senhora da Soledade, em Paris, com o fim de se conseguir a conversão da Inglaterra á Egreja Romana, aspiração a mais cara do Pontifice; eil-o, por outro lado, a recommendar aos legitimistas hespanhoes e ao clero hespanhol, que se abstenham de crear difficuldades ao seu governo, á sua patria; eil-o dando uma nova prova de sincera conciliação no recente conflicto entre o bispo de Mallorca e o ministro da



LEÃO XIII

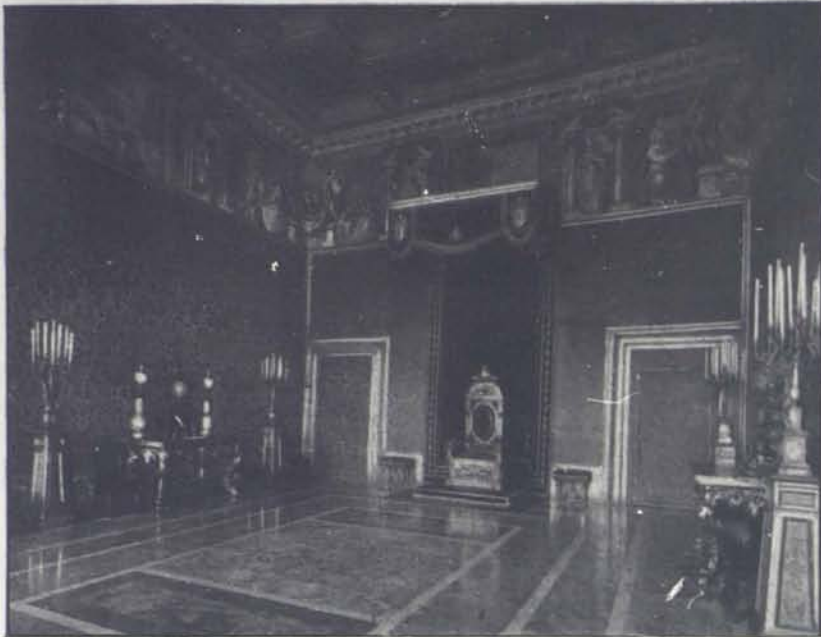
fazenda do reino visinho; eil-o a fortalecer sobre as bases da hierarchia da Egreja o partido catholico da Italia com a creação de *comités* parochiaes, — nucleos onde se inserem instituições taes como: os circulos da mocidade catholica, as corporações operarias, as sociedades de socorros mutuos, os albergues nocturnos, os asylos, os refugios, as cozinhas economicas e as caixas ruraes, — essa instituição que tão grandes beneficios tem prestado á depauperada agricultura italiana (1); n'outro dia, eil-o corrigindo as provas dos seus ultimos

versos para colleccionar todas as suas produções poeticas n'um livro que, sob o titulo de *Novissima carmina*, offerecerá á meditação dos seus admiradores; n'outro, eil-o que manda reproduzir pela phototypia os frescos do Pinturicchio que ornarn os aposentos dos Borgia, recentemente restaurados, offerecendo essa colleção aos chefes d'Estado, pondo assim uma nota esthetica na sua acção tão complexa de politico, de pensador e de moralista, attento inquebrantavelmente a tudo quanto se passa no mundo. E virá á collação dizer que o Presidente da Republica Franceza, ao aceitar

das mãos do Nuncio esse presente pontifical, exprimiu o seu reconhecimento em phrase digna e alevantada, « felicitando-se pelas sympathias que Leão XIII soube conquistar em toda a França, mercê do seu character e por influxo do seu genio, sendo certo que os francezes amam e muito o Pontifice romano, porque sabem perfeitamente que são amados por elle. »

1. Eis a analyse da organização do partido catholico, na Italia, tal como a lemos no *Journal des Débats*: « O Papa tomou como base d'essa organização a hierarchia catholica. Em cada parochia creou um *comité*, sob a direcção espiritual do cura,

composio dos mais ardentes catholicos, capazes de fazerem boa propaganda. Estes *comités* parochiaes dependem dos *comités* diocesanos, isto é, *comités* que têm por chefe o bispo; os *comités* diocesanos dependem por seu turno dos *comités* regionaes



Palácio do Vaticano. — Sala do trono

Estes e outros testemunhos de sympathia e de respeito pela augusta personagem que hoje dirige os destinos da Igreja, particularmente valiosos por sahirem dos moldes da cortezia puramente official, contêm lição e indícios que não podem passar despercebidos aos proprios inimigos do Papado. Claro está que, quando se eleva de todos os angulos do mundo um côro tão harmonico e tão universal de homenagens até um homem, é que esse homem, a despeito de theorias que tendem a amesquinhar e até a negar a acção dos grandes vultos na marcha civilisadora do mundo, é *alguem*, que real e posi-

que obedecem ás ordens do *comité* geral cuja séde é em Roma.

Que se pede aos que queiram fazer parte do *comité* parochial? Simplesmente que sejam christãos, mas inteiramente christãos, diz o regulamento, isto é, catholicos puros, reconhecendo a Igreja e obedecendo em tudo e por tudo ás ordens do Papa, sem sophismas e sem distincções.

Como os *comités* parochiaes estão mais directamente em contacto com o povo, são elles que exercem a propaganda mais efficaç. Ha-os em quasi toda a Italia. A esses *comités* ligam-se instituições que podem secundal-os poderosamente na sua acção. Taes são: os circulos da juventude, as corporações operarias e as sociedades de soccorros mutuos, os albergues nocturnos, os asylos, as cozinhas economicas e finalmente as caixas ruraes que o partido catholico introduziu ha pouco na Italia e que nos campos têm desempenhado uma acção tão proficua e tão benefica, que desde já podemos prophetisar-lhe um futuro brilhantissimo.

A beneficencia — tal é a arma adoptada pelo partido catholico. Poderia elle escolher uma arma melhor, mórmente na Italia? Nas condições actuaes, como combater um partido que por meio dos seus *comités* vae ao encontro da miseria para alivial-a, um partido que proporciona aos agricultores o dinheiro necessario para todos os seus trabalhos, um partido que soccorre os operarios doentes, etc.?

Em 1895 existiam já 535 caixas ruraes, hoje ha mais de 700 e ainda a obra está nos seus começos!

Em Roma contam-se 42 *comités* parochiaes, 2 albergues nocturnos cada um com 100 camas, 5 cozinhas economicas e 5 secções do secretariado do povo.

Esta instituição do secretariado do povo merece algumas referencias. Dirige-se ella aos operarios, aos pobres, ás pessoas que necessitam de conselhos referentes a questões de justiça e de assistencia judiciaria; alcança-lhes documentos e informações,

tivamente influe na evolução dos factos

Admiravel physionomia a d'esse venerando ancião, espeho de virtudes, modelo e orgulho do sacerdocio, coração tão grande como é grande a propria noção de justiça! Adoravel inspiração a que dictou as palavras tão commoventes, tão cheias de amor do proximo, tão conducentes a um altruismo que cada vez se impõe mais aos nossos duros peitos, em face de tantos soffrimentos que povoam esse tremendo abysmo cavado pelo egoismo dos ricos, dos poderosos, dos que sugam descarroavelmente o suor e o sangue dos obreiros, na sofreguidão criminosa do capital, pretendendo acorrentar o trabalho a uma servidão de nova espécie!

Que voz potente deve proferir aos ouvidos d'esses egoistas, d'esses corações de bronze, palavras de unção, de conversão aos sublimes ideaes de justiça e de fraternidade social? A da Revolução ou a da Persuasão? Não sabem os o que a força das cousas traz

já nas suas mysteriosas entranhas, nem o que ella encabeçará no seculo que já se desenha assustador para os que assistem á agonia do actual, nem que fundamento possam ter as prophcias d'esses teutonicos que miram á sua hege-monia na Europa e nos ameaçam com uma outra Revolução, que deixará a perder de vista a de 1789, reduzida a proporções de uma lucta de simples bonifrates.

Deixemos, porém, a solução revolucionaria aos historiadores pessimistas ou aos utopistas, e voltemos as nossas vistas para o que pôde ter uma applicação rela-

corresponde-se com os consules no estrangeiro, arranja passaportes, facilita as relações com os tabelliaes e escrivães, com os tribunales, com as administrações publicas.

E todas estas instituições funcionam magnificamente: em todas ellas reina tanta disciplina como boa vontade e dedicacção.

É a essa organização que os catholicos devem os seus triumphos nas eleições administrativas, unicas por ora em que elles tomam parte. Para as eleições communaes, o *comité* parochial forceja constantemente por que sejam inscriptos novos eleitores pertencentes ao partido, manda para toda a parte os seus adeptos, que vão de casa em casa, de familia em familia, a fim de prepararem o triumpho.

É evidente que com uma tal organização extremamente simples, no dia em que os catholicos se decidirem a tomar parte nas eleições politicas, será renhidissima a lucta.

Todo o trabalho é feito, naturalmente, pela mocidade catholica, convencida de que a intransigencia d'outr'ora deu já o que tinha a dar, tornando-se hoje inutil; esses elementos novos esforçam-se por transformar o partido, preparando-o para as luctas politicas.

Com taes progressos não é para admirar que a imprensa estrangeira reproduzisse o boato de que o marquez de Rudini, presidente do conselho dos ministros na Italia, dirigira uma circular a todos os prefeitos do reino, recommendando-lhes que seguissem de perto os manejos dos catholicos e igualmente os dos republicanos, socialistas e anarchistas.

O boato ainda não foi confirmado. Sabe-se comtudo que o presidente do conselho segue attentamente a acção do partido catholico, e, se não vê ainda perigos n'essa acção, entende que não deve deixar-se surprehender. Os catholicos são bastante habéis para sabermos conservar-se no terreno da legalidade. N'essa hypothese, como poderão os prefeitos attingil-os?

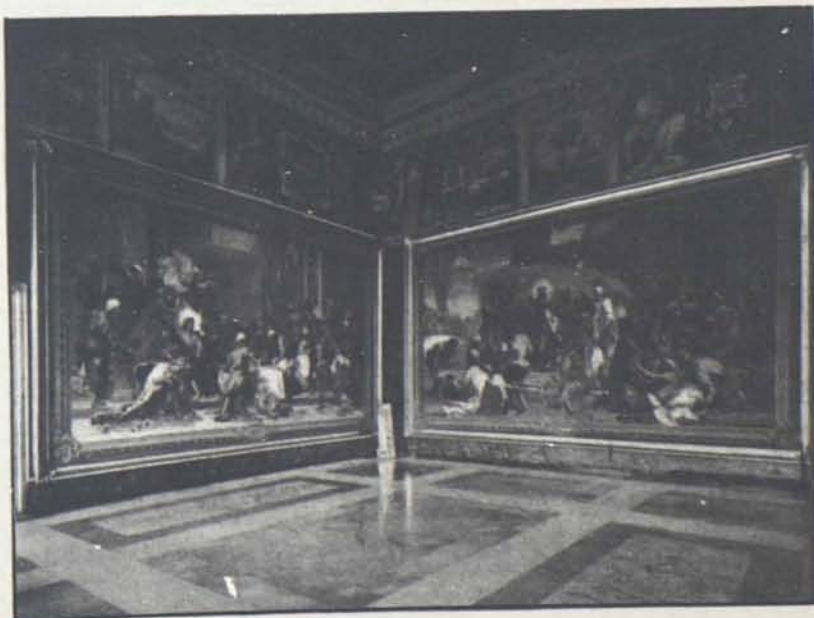
tiva ao tempo, accommodada ás circumstancias militantes: basta-nos a solução tão humana, tão christã, tão persuasiva, cahida dos labios do Advogado Magno dos obreiros, do sublime auctor da encyclica *Rerum Novarum*. Que se pede n'essa encyclica? Que os ricos affrouxem a sua condição deshumana, que fraternisem com os obreiros, dando-lhes um justo salario, que, o capital interresse o trabalho para que a cooperação d'esses dois elementos se torne ainda mais proficua. Que a solução é humanamente possivel, provam-o mais de uma empreza em que andam alliados os interesses de patrões e operarios, não só em França como na Belgica. Pois não é tão persuasivamente humana a disposição testamentaria d'essa admiravel viuva Boucicaut, proprietaria do *Bon-Marché*, a bondosa industrial que legou o seu enorme estabelecimento a todos os seus empregados, ficando n'elle interessados, consoante os seus serviços e merecimentos? Pois haverá cousa mais revoltante que esse feroz egoismo dos patrões federados em Inglaterra, em face dos 80 000 machinistas actualmente em greve, egoismo que se endurece cada vez mais á medida que a solidariedade operaria mais se desentranha em subvenções a esses grevistas para que não morram de fome? Pois será irreductivel em todo o mundo esse egoismo? Pois não estará logicamente na ordem das cousas a solução social que consiste em interessar os obreiros nos productos da industria humana? Está de certo; muitas vezes, issoa que se chama a força das cousas não é senão a propria fraqueza dos homens. O modo de prevenir futuras catastrophes, de afastar para muito longe o espectro da reivindicção socialista, dependerá da maior ou menor coragem com que o capital se resolver a confraternisar com o trabalho, distribuindo-se equitativamente os interesses por essas duas categorias produtoras. É por isso innegavel que a voz do Papa se fez ouvir no momento opportuno, e a historia inscreverá a solução que o Pontifice trouxe ao problema social, como constituindo um acontecimento decisivo na marcha da civilisação.

Se é para admirar a coragem com que Leão XIII interveiu na lucta economica do seculo, não menos para admirar é a constancia, o santo empenho com que elle procura retemperar as almas dos fieis, regenerar o mundo em summa, exhortando-o ao cumprimento rigoroso das maximas christãs. Quem lêr attentamente as encyclicas do Pontifice, notará o summo cuidado que elle põe no recrutamento de um clero que se imponha pelo seu saber e por uma moralidade inequivoca, um clero que se torne exemplar pelas lettras e pelas virtudes. Está n'isso o segredo da regeneração das sociedades que, infelizmente, se deixaram já empolgar pela aberração dos principios, que em si proprios, que na sua essencia, são inatacaveis. O Pontifice que segue com olhos vigilantes tudo o que se passa no mundo e muito especialmente a marcha das idéas em França, sabe muito

bem a que desconfortadores resultados tem chegado a *Filha mais velha da Egreja*, com a sua politica de secularisação incondicional. O quadro que a França nos offerece como licção a tal respeito, é bem desolador! Depois do estabelecimento da instrucção obrigatoria n'aquelle paiz, as estatisticas de criminalidade demonstram-nos que essa criminalidade, por parte dos adolescentes, é dupla da dos adultos! Só em Paris, mais de metade dos rapazes detidos pela policia contam menos de vinte e um annos; e em 1880 deram o seguinte contingente para a estatistica criminal: 69 assassinios, 2 envenenamentos, 158 estupros, 11 862 roubos de grande monta e 458 de menor importancia. Os suicidios de rapazes com menos de 16 annos, suicidios outr'ora muito raros, já em 1887 attingiam o numero de 55.

Pelo contrario, na Belgica, paiz onde preponderam os sentimentos religiosos, ao augmento da instrucção tem correspondido uma diminuição na escala criminal. De 1870 a 1894, a população escholar passou de um milhao e meio a cinco milhões de creanças. No mesmo periodo, a média da população das prisões baixou de 12000 a 5000: o numero annual dos condemnados a traballos forçados baixou de 3000 a 800, e a média dos menores julgados pelos tribunales desceu de 14 000 a 5 000. Na propria França, onde o Hérault e a Normandia são as regiões mais ricas, vê-se que são essas regiões as que mais delictos fornecem á estatistica, e a sua mocidade não lhes faz honra; a Bretanha que é a região onde mais se arraigaram os sentimentos religiosos, tem uma média de moralidade verdadeiramente excepcional, «ahi se tem conservado sempre purissimo o sentimento da vida de familia e purissima a crença no fim ideal da vida» (Fouillée).

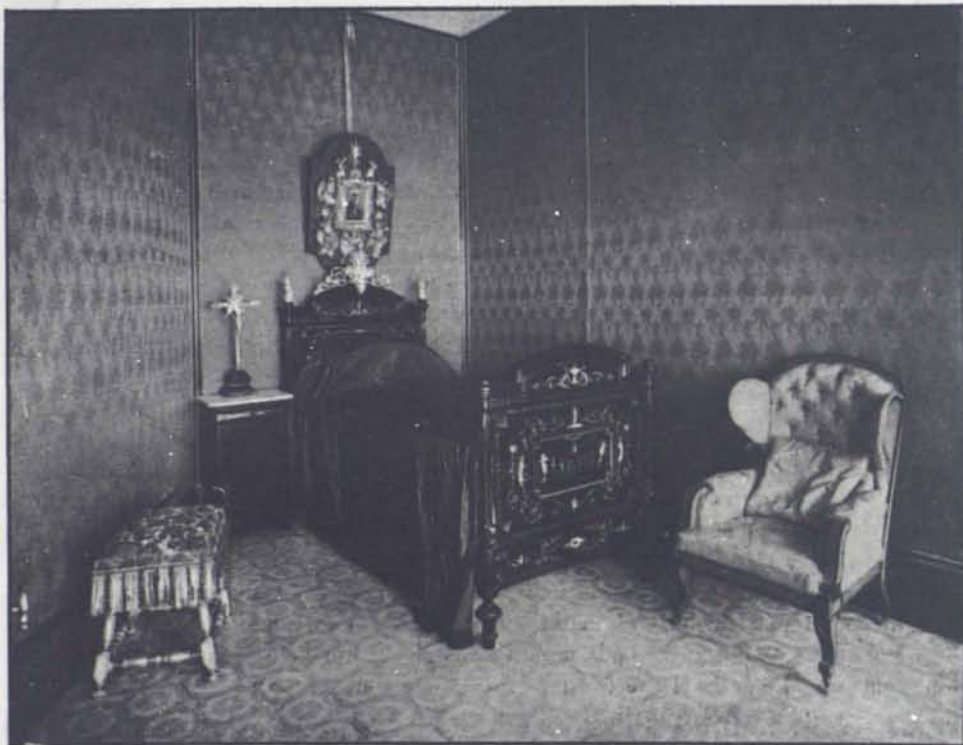
Secularisar o ensino, segundo affirmou ultimamente o senhor Léon Bourgeois na camara dos deputados — discurso que teve as honras da affixação em todas as communas da França — é crear em cada uma das almas infantis francezas « esse não sei quê que fará de cada uma d'essas almas um bom cidadão para o futuro, e formar lentamente em todas as escholas e sobre os



Palacio do Vaticano. — Sala de Arazzi.

alicerces exclusivos da razão, a unidade da consciencia nacional. »

E a essa aspiração do ex-ministro da Republica respondem as estatisticas pela fórma que vimos, respondem os grandes espiritos proclamando a necessidade de nortear toda a educação pelo ideal religioso; responde o grande pensador inglez, Benjamin Kidd, pondo bem em evidencia a acção social das crencas religiosas na evolução humana, acção que, segundo elle escreve, consiste em proporcionar uma sancção *super-racional* á conducta do homem em face das condições necessarias ao progresso, condições para as quaes não pôde haver uma sancção *racional*; responde o critico senhor Brunetièrre, declarando a banca-rôta da sciencia, isto é, a impossibilidade da sciencia para nos guiar para a Terra-de-Promissão da felicidade humana; responde



O quarto de dormir de Leão XIII.

ainda em Inglaterra o senhor Balfour, demonstrando que não devemos á Razão nenhum dos principios sobre que as sociedades assentam, e que, se quizermos encontrar a qualidade que nos eleva acima dos irracionais, devemos procural-a não tanto na nossa faculdade de convencer e de sermos convencidos, como na nossa capacidade de influenciar e de sermos influenciados pela *auctoridade*; que a sciencia continúa a ser um poder, uma força, mas não a unica, nem a mais efficaç, nem com direito a exigir que lhe sacrificuemos tudo; que ella é incapaz de nos ministrar uma explicação ou interpretação accetavel do universo, de fundar uma moral, de tomar o logar da religião na evolução social da humanidade!

Aquella aspiração do ex-ministro da Republica responde uma corrente de escriptores, de pensadores, corrente a engrossar cada vez mais, concordes todos em proclamar a necessidade de um ideal religioso, de conduzir a mocidade por caminho differente do segundo até agora!

E, contudo, nunca os programmas d'ensino foram tão copiosos como n'este momento, não só em França, como nos restantes paizes latinos, a ponto de se clamar em grita contra o *surmenage*. Desde a eschola elementar até ás universidades, é um atulhar constante de noções, de theorias nas cabeças dos adolescentes; fala-se-lhes muito ao espirito, e pouco ou nada ao coração. Cada alumno, hoje, é um sabio que faria corar de vergonha um grego ou um romano dos periodos aureos da litteratura e da sciencia, se n'este momento pudessem resuscitar!

Essa preocupação constante de mentalidade com prejuizo da cultura do coração, leva-nos a inquerir das causas que favorecem a ausencia do senso moral nas familias. Como explicar, por exemplo, que sobre 100 adolescentes entregues aos tribunacs francezes, 98 pertençam a escholas seculares e só 2 a escholas congreganistas? A explicação é simples: ausencia da educação religiosa na familia e na eschola, ausencia da disciplina moral n'uma e n'outra. E sobre tudo isto, o « predominio da concepção intellectualista e racionalista herdada do seculo passado e que attribue ao conhecimento, mórmente scientifico, uma acção exagerada na conducta moral. » (Fouillée.) A triste verdade infelizmente é que, ao passo que se sobrecarregam os programmas d'ensino com um sem numero de noções scientificas, sendo de pasmar o que esses programmas exigem de um rapaz de 10 annos, afrouxa-se parallelamente em tudo quanto diz respeito á disciplina do caracter. « É pernicioso tudo o que liberalisa os

nossos espiritos, sem nos dar o dominio sobre o nosso character, » escreveu Goethe. Verdade profunda, applicavel ao momento actual. A superabundancia dos programmas dá em resultado fazer dos rapazes uns entes de revolta, porque a pouco trecho vem a desillusão, a necessidade de se submeter a uma situação mesquinha, e esses revoltados na maior parte dos casos ou vivem mal consigo proprios, ou então resvalam para o crime! Alguns dos anarchistas ultimamente condemnados em França, eram bachareis em letras ou sciencias!

Desgraçadamente, os factos levam-nos a encarar com olhos um tanto pessimistas aquillo que para nós foi uma sublime illusão em epochas pouco distantes. Nutrimo-nos das promettedoras esperanças n'um tempo em que, forçando a faculdade do julgamento, viamos a regeneração da sociedade na exaggeração dos principios pelos quaes os homens têm derramado um preciosissimo sangue, maxima luz pela eschola e pela imprensa, — pois não era uma cousa seductora? E contudo a eschola e a imprensa

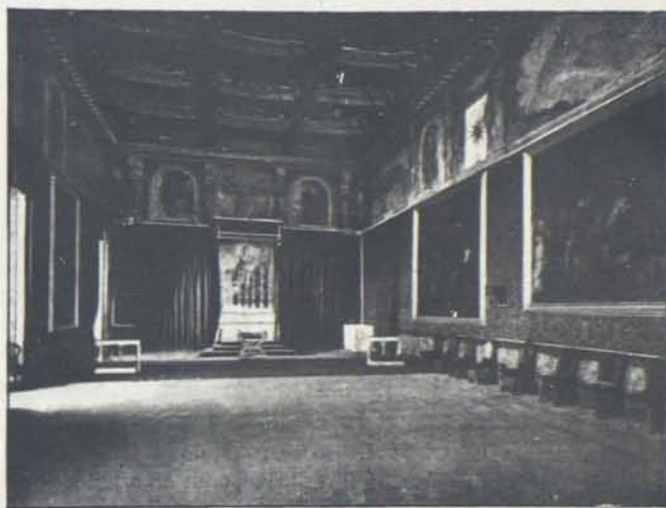


por desvirtuação fatal do principio, em vez de darem a luz franca, nitida, dão a luz indecisa, confusa, que antes perturba que esclarece. A civilização moderna assemelha-se á estatua de Nabuchodonozor — cabeça aurea, pés argilhosos. Os espiritos cheios de pomposas noções revoltam-se contra a ordem de cousas existente; a imprensa, por órgão de jornaes pouco escrupulosos, de publicações baratas sem criterio, apodera-se dos espiritos delicados, das mulheres sobretudo. « Devido á narração dos jornaes, o exemplo do crime torna-se contagioso; a idéa apodera-se do espirito fraco, debil, como uma especie de fado contra o qual toda a lucta é impossivel. » (Mandsley.)

Alastra-se a perversão da personalidade moral, theorias antagonicas ácerca do destino do homem, da melhor definição da felicidade humana, estonteam os homens, os sequiosos de um ideal de bem estar geral inaccessible; o darwinismo, racionalizado até ás suas ultimas consequencias, legitima as ambições dos fortes, as brutalidades do egoismo dos grandes e põe no coração dos desherdados da vida um grande desconsolo, o que quer que seja de tragicamente descoroçoador, quando não os solicita o acto da vingança social; a licença da imprensa, infiltrando-se pelos palacios e pelas choupanas, indo até aos confins da provincia, da aldeia, leva-lhes o romance com o seu artificio de idéas e de sentimentos exaltados, convergindo para a justificação ou glorificação do vicio e do crime; e vem depois a suggestão e o desdobraimento da nossa personalidade, pelo qual nos imaginamos heróes ou capazes da heroicidade dos personagens que no romance ou na descripção dos crimes sensacionaes mais prenderam a nossa attenção; assim se declaram essas especies de epidemias do crime, das acções tragicas. Ha semanas em que se repetem os crimes analogos; outras em que se repetem os suicidios nas circumstancias mais tragicas, o suicidio de familias inteiras como tem succedido em Paris e Londres. Por outro lado, a ancia das riquezas, das commodidades da vida, traz os homens n'um estonteamento do ser, n'uma desesperação intima que os amollece, que lhes embota a tempera para luctar contra as contingencias da vida, — por exemplo: o recente suicidio da familia Dreyfus, pae, mãe, e tres filhos, porque o chefe, depois de especulações bolsistas, de uma vida toda cheia de regalos, se encontrara apenas com um rendimento annual de cerca de cinco contos de reis!

Os espiritos superficiaes apodar-nos-hão de rotineiros, de retrogrados, de atrazados, pretendendo vêr um tal ou qual azedume no modo de avaliarmos essas forças sociaes que se chamam o ensino e a imprensa. É injusto o apôdo: não acreditamos, é certo, que nos desvarios e desmandos d'essas forças em acção, esteja o proprio remedio ao mal, como se dissessemos — a lança d'Achilles curando as proprias feridas que abre. Enfrear a imprensa sob o cutello da lei? Impossivel; entrou nos costumes a ancia de saber tudo pela *lettra redonda*, a discussão dos negocios publicos pelo primeiro incompetente que se apresenta a officiar no altar da imprensa, a divulgação do romance barato, condimentado adrede para excitar os paladares de sua natureza remissos a delicadezas de gosto. Extraordinarias incoherencias com que a cada passo topamos no nosso caminho.

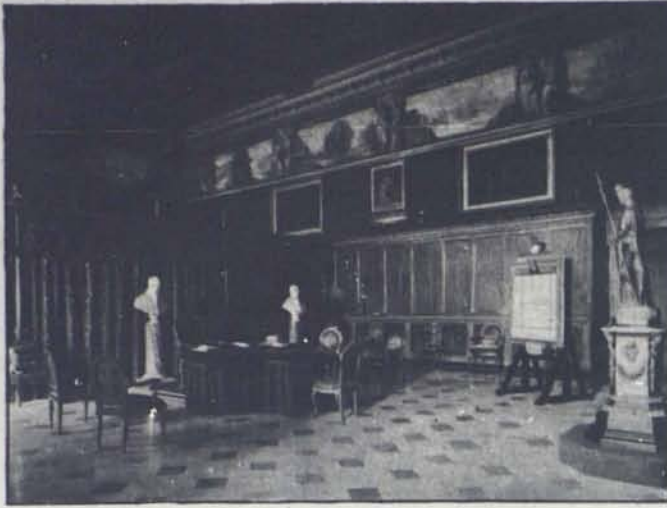
Não é licito usar de expressões de mau gosto, de moralidade duvidosa no trato social e muito especialmente no trato com o sexo fragil. Pôde-se, comtudo, attentar contra o bom gosto publico, pôde-se melindrar o pudor dos adolescentes, na perigosa quadra em que as energias mysteriosas os solicitam a funcções que não devem seguir ás cegas a lei da natureza em toda a sua fatalidade. Pois não traduz isto um singular contrasenso? Sem duvida um espirito feito, nos temperamentos já formados, quando se torna facil dominar os primeiros rebates genesicos, pôde reagir contra a sollicitação perfida dos vicios que uma litteratura, descambando na pornographia, inconsideradamente glorifica; mas como o pôde fazer a mulher nova e inexperiencede, por exemplo, se de mais a mais não teve os conselhos, os cuidados, as previsões de um pae e de uma mãe vigilante, attentos sempre ao seu desenvolvimento intellectual e physico? Impossivel. E a situação é manifestamente difficil, dadas as condições da industria actual, que força os filhos-familia a procurar nas fabricas, nas officinas, o pão de cada dia. Relaxam-se por



Palacio do Vaticano. — Sala do Consistorio.

consequente os laços affectivos, os laços da solidariedade familiar e bem cedo os mancebos vão engrossar as fileiras dos criminosos, as raparigas vão reforçar estouvadamente as hostes do mundo galante, onde se perde de toda a pureza dos grandes sentimentos, parte plastica das sociedades.

A Inglaterra tem a coragem de castigar com a lei as obscenidades e os desmandos produzidos pela imprensa. Na França, os que imaginam ser a fina-flôr da cultura intellectual, apupam a lei Béranger, mas todos comprehendem que o romance de tendencias dissolventes, que toda essa litteratura barata, a qual circula pelas mãos dos operarios, dos filhos do povo, varre-lhe as ultimas noções do pudor, falseando-lhes a imaginação, dando justificação aos seus instinctos mais ou menos vagos, envenenando-lhes o sentimento, precipitando-os no vicio. Em Inglaterra, a lei tem a força sufficiente, como dissemos, para castigar as obscenidades da imprensa, e, se é certo que por vezes estouram alli escandalos tremendos, dando a propria aristocracia o exemplo de desbragamentos insolitos, não é menos certo que a estatística da sua criminalidade colloca-a n'um nível muito superior ao



Palacio do Vaticano. — Biblioteca privada.

nível moral da França. Póde ser que haja alli menos brilho nas faculdades inventivas, menos agudeza nas percepções de ordem critica, menos delicadeza nas concepções estheticas, mas incontestavelmente o inglez tem mais força de vontade, mais tempera romana que o francez, — o grego de hoje — e em todo o povo nota-se uma affirmação mais pujante da consciencia civica, da consciencia nacional.

Não condemnemos, pois, em principio a grande força social que se chama a imprensa, mas blasphememos d'ella se se converte — e essa é infelizmente a tendencia geral — n'um dos agentes corruptores do seculo, e não poucos são elles já.

Que a palavra de Leão XIII, tão conceituosamente profunda trouxe sangue novo ao mundo catholico, é facto incontroverso. Assim o clero, assim os seculares constitucionalmente adstritos ás doutrinas da Egreja secundem, com um zelo inquebrantavel, com uma piedade rigorosamente christan, os esforços do admiravel Pontifice que hoje se senta na cadeira de S. Pedro.

Pelo que diz respeito ao nosso paiz, ha ainda muitas miserias a mitigar, a consolar. Mórmente no campo da evangelisação, do ensinamento, do conselho aos que se deixam ir á mercê dos destemperos da demagogia ou da perversão politica, a tarefa a emprehender é de um grande peso. A classe operaria, por exemplo, transita por caminho errado. Nota-se que os operarios de Lisboa, especialmente os que apenas ganham menos de 400 reis diarios, são precisamente os que pejam a geral nos divertimentos publicos, não só de noite, mas até nos dias uteis. Falte-lhes o trabalho: bem podemos imaginar a serie de miserias que lhes cahirão nolar domestico, por effeito da sua imprevidencia! Assim se dá pasto á criminalidade, á prostituição, vindo a crescer a onda do desprestigio social: em cima a sofreguidão das riquezas, o estonteamento do luxo, o cynismo na consciencia dos que se suppõem superiores a toda a disciplina moral; em baixo, a obliteração dos sentimentos, a degradação do ser na taberna, a apprendisagem dos meios dissolventes nas officinas, por effeito da promiscuidade dos sexos, a ausencia dos laços affectivos, a ruina da familia.

O dilemma impõe-se terrivelmente tragico perante a agonia do nosso seculo: ou nos afundaremos n'um abysmo de perversão de todos os sentimentos elevados que durante seculos têm nobilitado o escol da humanidade, ou então havemos de retemperar o nosso ser physico e moral, crear-lhe novas energias para resistirmos ao inimigo economico, que, segundo todas as probabilidades, se encarna na raça amarella, preparando-se cada vez mais com as proprias armas europeas para nos ferir, a nós portuguezes, hespanhoes, francezes, inglezes, italianos, allemães, e para fazermos frente ao inimigo racionalista, isto é, ao predominio exclusivo da razão, da intelligencia e da sciencia, sobre a disciplina do caracter, do sentimento, do coração, predominio que tende a dissolver a familia a sociedade e a humanidade.

A diffusão da sciencia, ou antes a propaganda do espirito racionalista, levou a geração actual á jactancia, a esse orgulho peculiar de quem se julga possuir a explicação suprema das cousas, olhando d'alto para os espiritos terra a terra, para os simples de entendimento e de coração, ou mesmo para aquelles que, obedecendo á voz do sentimento, se comprazem na modestia de uma vida decorrendo pura, sem ruido, na satisfação apenas de uma consciencia isenta de equívocos.

Ora, a critica modernissima tem-se encarregado de marcar á razão, á intelligencia e ao sentimento a categoria e importancia que respectivamente lhes competem. Por outras palavras: a intelligencia não é fonte exclusiva dos conhecimentos. É-o tambem o sentimento; é-o tambem a propria vontade. Mal iria ás sociedades, se se racionalisasse sem limites, se os sentimentos se racionalisassem: essas sociedades cahiriam pela base. Será racional a idéa de propriedade? Será racional a idéa de Estado? de patria? Racionalisemos essas concepções e logo cahiremos no communismo, no anarchismo, no internacionalismo. É preciso ter a coragem de confessar isto, embora se corra o risco de merecer o apódo de retrogrado. A certeza scientifica ou racional não é o typo absoluto da certeza; as concepções que derivam da vontade e do sentimento são tão legitimas como as que provêm da razão: assim se explica que a religião reconquiste actualmente as almas, com tanta energia e pelas mesmas razões sociaes com que a sciencia pretende alargar a sua propaganda proselytica. Simplemente: a sciencia faz estacar o homem, paralysa-lhe a vontade quando elle, na sua ancia de racionalisação, procura obter a explicação do principio e do fim das cousas, e lança-lhe na alma o germen da duvida systematica; a religião anima-o a crer n'uma solução d'esses dois problemas, solução que o fortifica e lhe serve de alavanca para realizar os maiores commettimentos. As grandes nações tão constitucionalmente religiosas sabem o que querem, e com essa força de vontade caminham na plena consciencia do seu poder invencivel. Enquanto Portugal teve a consciencia d'essa invencibilidade, foi uma nação grande e pode realizar os destinos a que a sua raça e a sua vontade o chamavam...

O prestigio immenso da religião, prestigio cada vez a

alastrar-se mais, ao passo que a sciencia está indicando aos homens a sua limitação natural, a impossibilidade de entrar no coração para ali depôr as consolações de que a pobre humanidade tanto precisa nas suas horas de angustia, eis o segredo de toda a politica de Leão XIII. Elle bem sabe que a expansão vertiginosa da vida commercial e industrial moderna pretende absorver todas as forças vivas das collectividades humanas, sujeitando-as ao feudalismo financeiro; elle bem sabe que na lucta moderna para a conquista do pão, os fortes pretendem dar a lei aos fracos, aos que não chegam ao campo da pugna com armas sufficientes para vencerem; elle bem sabe que a consciencia d'essa inferioridade põe no coração dos homens um grande desanimo, ao passo que a sua força soberana, declarada nos codigos politicos, contrasta com a desigualdade economica cavada pela concorrência; elle bem sabe que, das condições da vida moderna, da perversão das proprias forças sociaes, que deveriam trazer a harmonia, o equilibrio ás sociedades, resulta esse egoismo sem treguas dos poderosos, a realza insolente dos financeiros sem escrupulos, a miseria afflictiva de milhões de seres, victimas do novo feudalismo industrial e commercial.

Bem sabe o glorioso Papa Leão XIII que, escutada como o deve ser, a sua voz, meditadas profundamente as suas palavras, umas de paz, de um altruismo sublimemente suggestivo, outras de uma persuasão tão crava e tão simples no tocante ás relações do capital e do salario, a humanidade entrará n'uma nova era de desafogo, e pôde ser que se evitem ou se afastem grandes cataclismos, pavorosas convulsões sociaes.

Que urge pois fazer? Transformar a educação nas gerações vindouras, pois isso equivale a transformar inteiramente as condições da vida moderna. Só assim se permitirá ao homem que seja mais alguma cousa do que uma simples peça do machinismo social; só assim poderemos restituir á mulher o seu papel de mãe, só assim se reconstituirá a familia, minando pela base a servidão industrial que nos opprime, que nos esmaga. Que mais urge fazer? Falar ao criterio da imprensa, pedir-lhe que, em vez de vulgarisar as paixões famosas, os vicios apparentemente seductores, vulgarise os grandes ideaes, exalte as grandes virtudes, os sentimentos e os deveres cujo cumprimento constitue a fonte unica do verdadeiro prazer — a satisfação da propria consciencia.

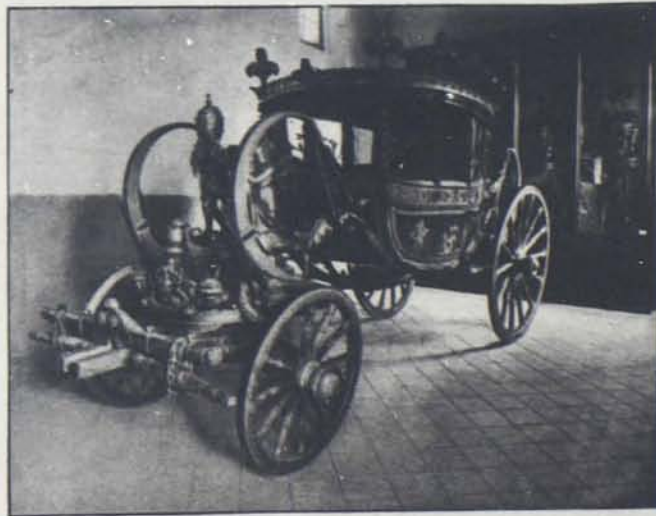
Assombra uma visão tão nitida dos conflictos, das perturbações, das divergencias que trazem divididas as classes sociaes, como é a de Leão XIII.

Por isso é mesquinha toda a nossa admiração pelo Pontifice que hoje dirige os destinos da Igreja. É para nos causar assombro esse vulto que, firmando-se nas duas grandes columnas da sua politica — a solução á questão social, o revigoramento moral do clero catholico, — intervem nos destinos do mundo, chamando os homens á concordia sob o respeito dos governos que elles escolheram ou que julgam dever alterar, e as almas e os corações á moralidade, á santidade da vida da religião, sob a fortaleza da dignidade humana, sob a consciencia

de uma superioridade que é o estímulo para as grandes acções e a condição indispensavel para as nacionalidades se affirmarem com honra no grande concerto da humanidade.

É possível que vivamos na illusão com respeito aos altos merecimentos do actual Pontifice: — queremos persistir na illusão. Quando os maiores espiritos da Allemanha, embora militando n'outros campos, prestam retumbante homenagem a Leão XIII; quando, ainda ha pouco, um dos *leaders* do socialismo allemão, o senhor Bebel, louvou em pleno parlamento o Papa Leão XIII por ter proclamado que era preciso dar aos obreiros um justo salario, e por ter influido para que o clero catholico entrasse em relações pessoaes com o operariado, ao passo que os pastores protestantes, salvo excepções honrosas, desdenham seguir esse exemplo, claro está que a nossa homenagem se perde até no meio de tão luzida companhia. Na nossa aspiração altruista, na nossa consciencia do homem que subordina todas as acções ao seu ideal de Justiça, ao que esta noção tem de severo, de rigorosamente equitativo, Leão XIII, aquelle que deu fóros de cidade á questão social, apparece-nos em toda a sua inconfundivel magestade. Respeitamo-lo pelo que a humanidade lhe deve já, e pelo muito que a humanidade lhe pôde dever ainda. Se a admiração pela força pretender que Bismark seja o maior homem d'este seculo, pouco importa! O mundo, no seu conjuncto, sedento dos luminosos ideaes de justiça e de amor universal, ha-de inclinar-se ante a magestade d'aquelle que é de direito o primeiro vulto do seculo XIX, aquelle que, com a sua palavra tão suggestiva, com a sua moral tão sabiamente rejuvenescida, com o seu exemplo tão impositivo, nos aponta o verdadeiro caminho da nossa regeneração moral. Curvemo-nos deante do sublime Defensor dos humildes, dos desherdados, dos obreiros, de todos os que soffrem fome e sede de justiça, porque elle possui thesouros inexgotaveis de bondade para consolal-os em nome de JESUS-CHRISTO.

SILVA BASTOS.



Côche de gala dos Papas.

# São Paulo

(Brasil)

IMPRESSÕES E « CROQUIS » DE UM VIAJANTE

**D**E todos os Estados que compoem a Republica Brasileira, é, seguramente, S. Paulo o que mais prospero se apresenta, sendo o ponto do Brazil em que as riquezas naturaes do sólo mais abundantemente se manifestam.

N'estes ultimos quinze annos o Estado de S. Paulo tem adquirido um desenvolvimento extraordinario, para o qual concorrem elementos de toda a sorte favoraveis, já os que se prendem á natureza intima do territorio fertilissimo, já os que se referem á corrente de immigração, que para aquella região se tem estabelecido em grande e sempre crescente escala.

Se em 1880 a população da capital se contava por cincoenta mil almas, em 1895 havia já subido a duzentas mil.

A colonia italiana de todo o Estado que, ha dez

annos, figurava nas estatisticas officiaes apenas com um algarismo de duzentas mil almas, attingia, nos ultimos recenseamentos, a cifra de um milhão, approximadamente.

E o acrescimo de população, notavelmente proporcionado pelo estrangeiro, é devido ao clima ameno e saudavel, e ao caracter convidativo do povo, franco, affavel e hospitaleiro por excellencia.

A capital do Estado, uma das mais bellas cidades do Brazil, offerece á admiração dos forasteiros que a frequentam, a belleza de seus edificios publicos, o aceio das suas ruas, a actividade da sua industria.

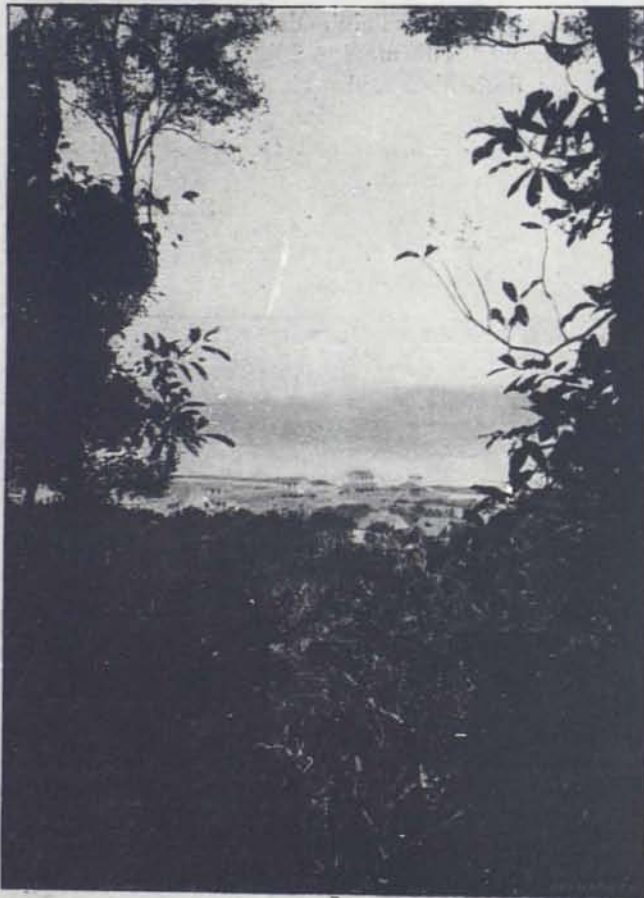
Se nas suas largas avenidas, muitas das quaes arborisadas, erguem-se palacetes de rigorosos estylos architectonicos, não é menos digno de nota a sua vida de trabalho, porquanto o paulista, que não tem contra si o clima entorpecedor e dissolvente de algumas regiões da republica, é activo e emprehendedor, confirmando a sua origem dos bandeirantes.

S. Paulo, a capital, toma dia a dia maior incremento, e d'isso se convence com pasmo quem visita a cidade com intervallo de poucos annos.

Os seus arredores, que até recente data eram terrenos desertos e abandonados, se acham actualmente transformados em bairros populosos e movimentados, entre os quaes se destacam os Campos-Elysêos, onde se notam palacetes ajardinados, em que o bom gosto se revela na construcção, a par do conforto e do bem-estar.

A sua vida intellectual é digna de nota, e as excellentes livrarias que possui, recebem diariamente as novidades e os primores da litteratura estrangeira. São tambem pontos de palestra, onde, das sete ás dez da noite, estudantes e jornalistas, advogados e homens de letras deixam-se prender em suave e prolongado cavaco. A Escola de Direito de S. Paulo é, d'entre as academias do Brazil, a que mais se aproxima da jovial tradição dos estudantes de Coimbra; e a maioria dos grandes homens que o Brazil tem possuido, frequentaram os cursos do velho convento de São Francisco.

Os maiores artistas do mundo têm representado nos seus theatros, que são em numero de tres. Sarah Bernhardt tem sempre uma palavra amavel com relação á mocidade paulista, e Coquelin e



Vista Longa.

Novelli são verdadeiros amigos da bella cidade paulistana. A grande Duse ahi arrancou delirantes applausos; Judic e J. Hading, Tamagno e Borghini-Mamo, Battistini e Scalchi-Lolli constituem uma serie de celebridades de primeira grandeza, como somente se vêm na Europa, na scena dos grandes theatros das grandes capitães.

A educação musical é bastante desenvolvida, e desde os tempos do *Club Haydn* até as presentes *soirées* do *Salão Stnemey*, os profissionais e amadores são em grande numero, procurando todos concorrer para a elevação da Arte.

Nas planicies da Moóca, circumdando a cidade,

Paris, e ao de Brighton, perto de Londres, quer pela disposição geral das construcções, quer pelo estylo leve e gracioso das archibancadas ou tribunas.

A Avenida Paulista, ainda em formação, rivalizará muito em breve com as mais celebradas avenidas europeas; dominando inteiramente a cidade, d'ella se descortina um panorama encantador, limitado no horizonte pelas sombrias montanhas do Jaguarão. No fim d'essa avenida, flanqueada de construcções graciosas e elegantes, achase o grande Reservatorio d'agua, contornado de jardins eternamente floridos. Esse deposito é um



Vista geral de São Paulo  
(Brazil).

a vinte minutos em caminho de ferro, um esplendido campo de corridas offerece, todos os domingos, animadas reuniões, em que productos do paiz e puros sangue estrangeiros disputam magnificos premios. A colonia estrangeira, e especialmente a ingleza e allemã, possui diversos centros de Sport, notando-se, entre elles, o Cricket-Club, que organiza mensalmente bellas e elegantes partidas.

O velodromo Paulista, de recente criação, é em todo o seu conjuncto, uma das mais bem acabadas pistas velocipedicas, rivalizando com as que temos visto em França e na Inglaterra. Em ponto menor, pôde-se comparar, sem nenhuma pretenção, ao velodromo do *Parc des Princes*, em

derivativo dos immensos abastecimentos d'agua potavel da Serra da Cantareira, a qual, pela importancia de suas obras e pela sua situação aprazivel, constitue um torçado e agravel objectivo de excursões.

Muséus, um grandioso hospital de misericórdia, quartéis, excellente corpo de Bombeiros e imponentes edificios publicos, taes como as Secretarias do Governo, Thesourarias e a Escola Normal — são titulos que S. Paulo offerece ao estrangeiro que a visita, como provas de seu desenvolvimento e de seu progresso. Contando fortunas solidas, a que o sólo uberrimo garante a estabilidade, tem a cidade uma vida elegante.



Guarujá Hotel.

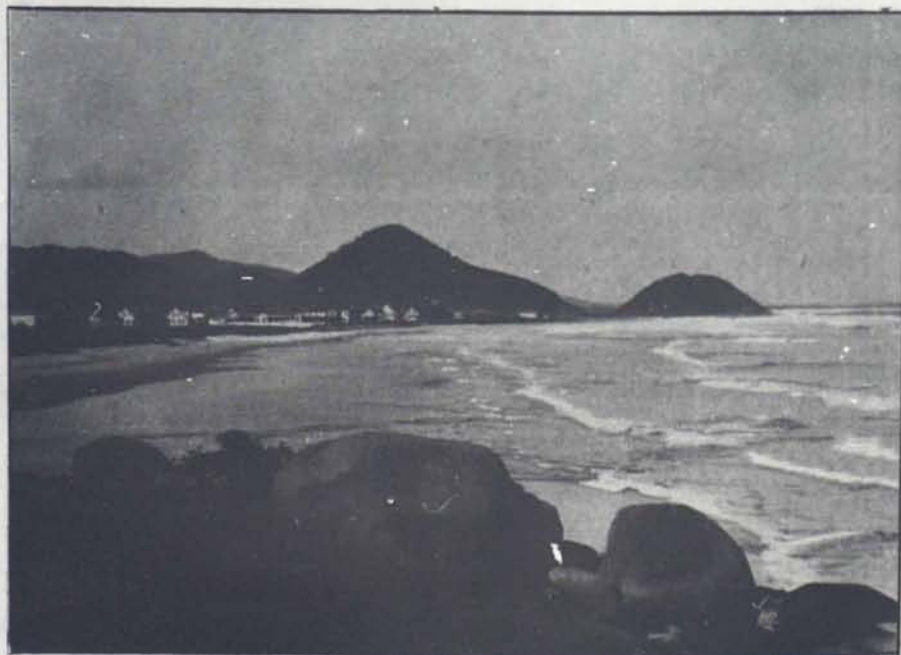
Carruagens, a que se vêm atreladas soberbas parrelhas, param á porta das livrarias e das lojas mais conhecidas; e quem tiver deixado Paris, ainda deslumbrado pelas *toilettes* ou pelo *chic* supposto inexcelsível das parisienses, terá na rua 15 de Novembro a illusão suave de atravessar os grandes *boulevards* da capital do mundo. O pittoresco arrabalde de Villa Mariana, servido por tramway a vapor, lembra os arredores de Paris, onde falta, no emtanto, o natural e encantador scenario das montanhas. A tres quartos de hora da capital, ainda por meio do tramway a vapor, visita-se o monumento do Ypiranga, commemorativo do grito libertador, que, em data inolvidavel, lançou, em prol da patria, o cavalheiroso Imperador. É a meio caminho que se eleva uma igreja de grandioso encanto, copia exacta de N. Senhora de Lourdes. Muito apreciado pelos forasteiros de passagem, offerece esse templo um ponto obrigado de passeio. O edificio da Immigração, no bairro da Moóca, é outro monumento publico merecedor de menção. Milhares de immigrantes ahi se hospedam com todas as facilidades do conforto e do asseio, sendo d'ahi disseminados pelas varias localidades do Estado a que se destinam.

No interior está todo o Estado de S. Paulo povoado. E mesmo nas pequenas ci-

dades, a industria sob qualquer fórma se manifesta, não sendo raro uma cidade do interior animada pelo commercio e pela iniciativa particular. As fazendas, propriedades de grande valor, apresentam, graças á terra róxá, cafesáes espantosos, que provocam a espontanea admiração dos que percorrem essa região abençoada. Fazendas de café, de assucar ou de criação rivalisam em ordem e em disciplina; e, favorecidas pelas estradas de ferro que cortam o Estado em todos os sentidos, têm, todas, grandes elementos de prosperidade. As mais importantes empresas

de caminhos de ferro de S. Paulo são em numero de cinco : Ingleza, Mogyana, Paulista, Ituana e Sorocabana. E, além d'esses meios de transporte, concorrem para o grande movimento commercial do Estado, os varios rios navegaveis, entre os quaes destacamos o Mogy e o Piracicaba.

Illustramos tambem o nosso texto com photographias de uma cidade de banhos no prospero Estado de que tratamos. É Guarujá, não longe de Santos, uma das mais importantes localidades paulistas e um dos principaes portos de mar do Brazil. O trajecto da capital á cidade de Santos, através da serra do Cubatão, cortada pela Estrada

Praia do Guarujá (Ilha de Santo Amaro  
São Paulo, Brazil).

Ingleza, é um dos mais grandiosamente pittorescos que a rica natureza do Brazil offerece ao viajante. Santos, commercial e movimentada, possúe um cães de primeira ordem, obra notabilissima. Illuminada á luz electrica, larga, espaçosa, foi essa obra motivo de demorada discussão, quando se tratou da escolha de um projecto entre os diferentes que se apresentaram. Esta obra gigantesca dotou aquelle emporio commercial de todas as facilidades para a navegação, e a ella atracam diariamente os maiores transatlanticos.

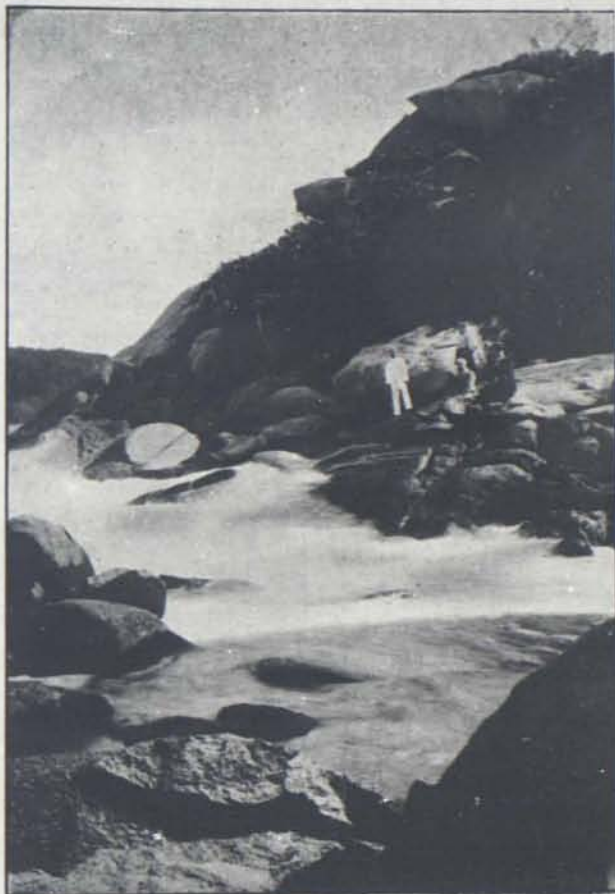
A meia hora de Santos fica a cidade de *Guarujá*. Atravessando-se o canal, em trajecto pittoresco nos vapores da empreza do Guarujá, toma-se do lado opposto, na Ilha de Santo Amaro, o caminho de ferro de bitola estreita, que nos transporta, em vinte minutos, á modernissima praia de banhos, de que damos algumas vistas aos nossos leitores. Guarujá, situada em uma enseada bellissima, é limitada por montanhas que a resguardam dos ventos — e lhe proporcionam o clima uniforme e ameno que faz a sua principal seducção. As paragens que a circumdam, dão a essa localidade um aspecto meio agreste e um cunho pittoresco, genuinamente bucolico.

Organizada por uma empreza garantida por um capital de tres mil contos, essa cidade de banhos, essencialmente americana, surgiu em tres mezes, como por encanto.

Cincoenta chalets armados *sur place* constituem as vivendas reservadas ás familias que escolhem na estação calmosa, como ponto de villegiatura, a praia de Guarujá. Mas a essa pequena localidade não faltam commodidades, como não faltam elementos de diversão. Um Casino abre as suas portas a concertos, a bailes e a jogos de toda a especie; e um grande hotel, de sobrio e elegante estylo, no qual a exigencia mais severa não encontraria motivos de critica, concede larga e razoavel

hospitalidade á sua escolhida clientela de banhistas.

A colonia estrangeira é ahí vantajosamente representada, constituída em boa maioria pelos



Pontas das Pitangueiras.

grandes commerciantes da proxima cidade de Santos, que n'esse suave recanto se refugiam das penosas calmas estivaes.

W. ROBERTS.



# A QUINZENA POLITICA

Os acontecimentos do Extremo-Oriente continuam a ser a nota dominante da politica europeia, ameaçando de um momento a outro a paz e o bom accordo das nações ahi interessadas. Quando, em 1895, a França, a Allemanha e a Russia impunham ao Japão victorioso o tratado de Simonozachi, que pôz fim á admiravel campanha que esse valente povo sustentou contra a China, era, naturalmente, na doce expectativa de uma proxima compensação que lhes faria o Filho do Céu, reconhecido. O grande e habil estadista chinês, Li-Ung-Tchang, extraordinario e respeitado diplomata, enviado pela cõrte de Pekin junto ao imperador dos Nippons, conseguiu, intrigando a Europa interessada no statu quo da politica asiatica, uma firme opposição ás exigencias do Mikado, salvando d'esta fórma o seu paiz do triste começo de um terrivel esphacelamento.

Tres annos são passados depois d'essa demonstração naval Franco-Russa, secundada pela Allemanha, impedindo ao Japão a menor aquisição territorial na China propriamente dita. Alguns encouraçados aprisionados em Ya-Lu, e a ilha Formosa constituíram para o vencedor a magra compensação de uma tão brilhante guerra. Mas como os bons officios das potencias europeas custam sempre bastante caro para aquelles que infelizmente d'ellas necessitam; é bem natural que a conta a pagar seja dura

e dolorosa, mesmo para essa eterna pepineira da China, que já deveria estar habituada a semelhantes operações. A Russia, intervindo abertamente na Coréa, procura ahi estabelecer uma especie de protectorado, que, se não é completo e absoluto, só se deve á tenaz opposição dos Japonezes. Tem obtido as mais remuneradoras concessões de minas e caminhos de ferro, e a sua esquadra do Extremo-Oriente, bloqueada pelos gelos de Vladivostok, inverna hoje tranquillamente nas aguas de Porto Arthur, sob a protecção das fortalezas da China. A França exigiu para o seu imperio do Tonkin vantajosas rectificações de fronteiras, impondo ao Governo de Pekin a responsabilidade e a obrigação de aniquilar as constantes invasões dos piratas e, talvez, como principio de uma annexação, acaba de hastear a sua ban-

deira na ilha de Hafnan. A Allemanha, possuida de um verdadeiro furor de expansão colonial, e a titulo de vingar a morte de dois missionarios, apodera-se de Kiang-Tcheo e immediações, pede milhões e cathedraes, minas e caminhos de ferro. A Inglaterra e o Japão, sympathicamente combinados, protestam contra essa invasão, fazendo avançar para o theatro d'esses ultimos acontecimentos forças consideraveis, que fazem prevêr novas e graves surpresas.

A primeira, soberana absoluta de todo o commercio n'essas paragens, e o segundo, justamente irritado pela imposição soffrida ha tres annos, to-

lhendo os seus triumphos, impedirão toda e qualquer partilha na qual não lhes seja garantida a parte do leão. Os Estados Unidos, que já têm grandes interesses a proteger no imperio Chinez, são, pela sua politica no Extremo-Oriente, um quasi alliado do Governo de Tokio, e n'uma proxima ou remota manifestação as suas instrucções, pôde-se quasi affirmativamente dizer, estarão de accordo com as do Mikado.

Para receber todas estas *embaixadas* navaes conduzidas por principes imperiaes, ministros e almirantes, a China envia o seu velho vice-rei e fino negociador, mestre considerado e autoridade bem competente na difficil arte das protelações. E será na verdade tarefa delicada e quasi impossivel a esse diplomata sagaz e intelligente, apaziguar de

um modo digno e decoroso para o seu paiz, a matilha esfaimada, que ladra ás portas do seu Imperio.

N'esse vasto estuario de Petichili, theatro recente das grandes batalhas navaes da ultima campanha, noventa navios de guerra de seis poderosas nações contemplam com avidez os desfallecimentos do colosso amarello. Cahir nos braços de uma d'ellas, procurando um cordeal regenerador, será certamente provocar a colera das restantes e as tenebrosas consequencias de uma perigosa conflagração. Em tão critica situação, deve-se sinceramente desejar que as subtilidades de Confucio, inspirando o cerebro de Li-Ung-Tchang, possa elle descobrir a solução necessaria e desejada para preservar o seu paiz de uma liquidação que ainda parecia bastante remota.

M. BOTELHO.



LI-UNG-TCHANG



# Alphonse Daudet

A MORTE do grande escriptor Alphonse Daudet foi sentida universalmente. Se, como romancista, tinha em cada leitor um amigo, havia sabido, como homem, conquistar a estima e o respeito de todos os que o conheciam.

Nascido em Nîmes em 1840, contava dezoito annos quando veio a Paris, sob os cuidados de seu irmão mais velho, o escriptor Ernesto Daudet; aqui se estreitou nas letras com a publicação de um volume de versos, *Les Amoureuses*, que, sem lhe dar celebridade, tornou conhecido o seu nome. Em seguida, deu á publicidade o seu gracioso livro, *Le petit Chose*, emocionante auto-biographia, em que elle se revela tão cuidadoso stylistista quanto observador consciencioso. Os seus *Contes du lundi*, que vieram após, são uma série de contos patrióticos, o que de mais bello e de mais profundamente maguado setem escripto em relação ao « anno terrível ».

As *Lettres de mon Moulin* celebrisaram o moinho de Montauban, onde Daudet passou alguns mezes de uma existencia bucolica, que nos valeram paginas de inexcédível encanto.

Entre os seus numerosos romances, que lhe proporcionaram tão glorioso renome, citaremos: *Le Nabab*, em que se destaca, com extraordinario vigor, a figura do duque de Morny, de quem Daudet fôra secretario; *Fromont jeune et Risler aîné*, publicado em 1873, romance que lhe deu verdadeira celebridade; *Les rois en exil*, o mais doloroso de seus livros; *Numa Roumestan*, de que foi tirada uma peça representada com successo; *Sapho*, que é, como diz Jules Lemaitre, a Manon Lescaut d'este seculo, com vantagem para Daudet; *L'Évangéliste*, profundo estudo de mysticismo religioso; *L'Immortel*, acerba critica á Academia Franceza; *La Petite Paroisse*, um livro de perdão e de bondade; enfim, romances de costumes, estudos historicos, obras de arte e de observação.

No theatro alcançou Daudet grande triumpho com a *Arlésienne*, a que Bizet prestou a sua colaboração como musico; *L'Éillet blanc*, *Le frère aîné* e outras comedias em um acto, sem contar as peças extrahidas de seus romances, entre as quaes convem principalmente citar *Sapho*.

Descrever *d'après nature* foi o unico methodo adoptado por Daudet. Os seus olhos de myope « que tão pouco viam, mas que tão agradáveis eram de vêr », na expressão de Th. de Banville, recebiam as fórmulas e as côres com infallível exactidão e as reproduziam fielmente. Esse observador tão seguro e tão subtil conservou sempre

inalteravel indulgencia em relação aos homens. Os dissabores da vida não o fizeram máo, como não o tornaram orgulhoso os esplendores da gloria. « Aprendi a amar o povo com os seus vícios, feitos de miseria e de ignorancia », dizia elle. E essa benevolencia se traduz nos typos historicos de seus romances.

O seu estylo tem sido assimilado ao de Michelet e ao de Saint-Simon; outros comparam o auctor de *Jack* ao romancista inglez Ch. Dickens, mas Daudet é um escriptor original, e, como disse Emilio Zola, junto ao tumulto de seu amigo, era elle o verdadeiro representante do realismo em

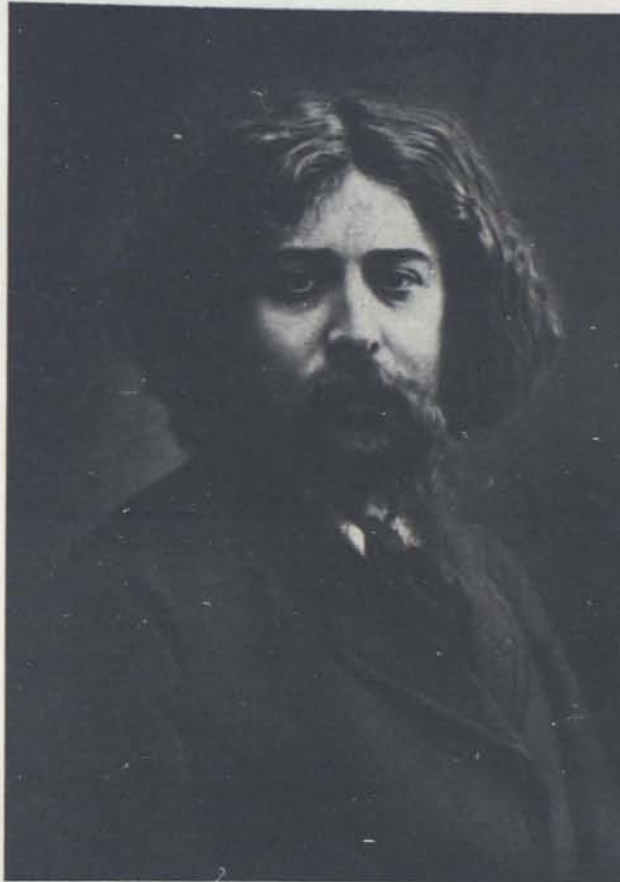
França, mais realista do que os Goncourt, mais do que o grande Flaubert. Convem, porém, notar que Daudet era um litterato casto, e nas suas numerosas paginas, em que sempre perpassa um sopro de poesia, não se lê uma phrase que possa melindrar a moral mais recatada. Zola, em um de seus livros de critica, define com felicidade o talento do notavel escriptor: « La nature bienveillante a mis A. Daudet dans le point exquis où la poésie finit et où la réalité commence. »

Tinha Daudet o dom das lagrimas e o dom do riso: a ironia e a piedade eram as suas forças. É em *Jack*, um dos seus mais commoventes romances, que essa dupla qualidade se revela com mais vigor e mais seducção.

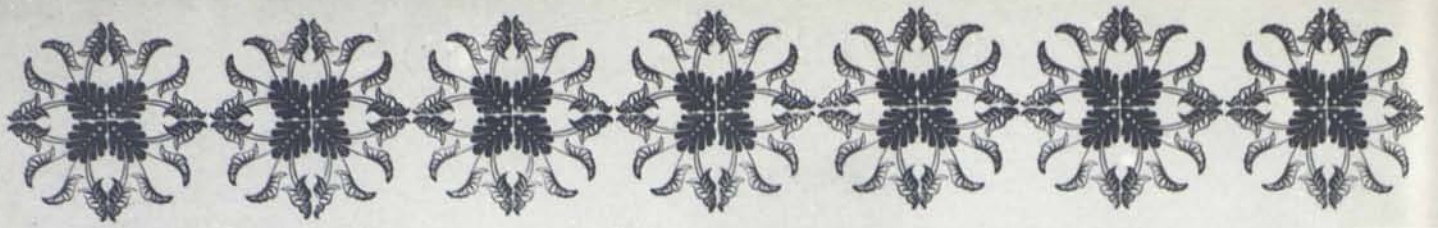
Se *Sapho* é a Manon Lescaut d'este seculo, *Tartarin* é o D. Quixote francez. N'esta trilogia:

*Tartarin de Tarascon*; *Tartarin sur les Alpes*; *Port Tarascon*, Daudet creou um typo tão popular quanto o do immortal Cervantes ou Gargantua de Rabelais. As ultimas paginas d'essa alegre trilogia foram escriptas quando a cruel enfermidade começava a destruir lentamente, traiçoeiramente, a vida do notavel escriptor. E os soffrimentos duraram quinze annos, até o dia em que, de subito, á mesa, cercado de sua carinhosa familia, o grande artista cahiu fulminado.

Os funeraes do applaudido auctor dramatico e romancista celebre coincideram com dois de seus mais bellos triumphos scenicos. No mesmo dia, *Sapho* reaparecia na scena do Vaudeville, interpretada pela actriz Réjane; e Emma Calvé, na Opéra-Comique, dava á mesma figura o prestigio de sua voz maravilhosa. Os louros se mesclavam assim duas vezes ás corôas funebres, e o morto glorioso era chorado ao mesmo tempo que vibrantes aclamações saudavam o seu nome illustre.



ALPHONSE DAUDET



# O VAPOR

Alma, força, poder do ferro organizado  
Arquejante respiro enorme da materia!  
O' coração de fogo! O' ventre esbrazeado!  
O' bafô que annuvia a abobada sideria!

Espírito vital dos monstros operarios!  
Energia motriz dos Leviathans do mar!  
Potencia colossal, que torna em feudatarios  
O Tempo mais o Espaço, a Terra mais o Ar!

Retumbam na officina os teus ferozes roncões,  
O sibilar dos teus ingentes pulmões de aço,  
Quando rasgas o ferro, e affeições os troncos,  
E esmagas o metal no teu possante abraço!

Rangem os membros teus, e zunem os teus musculos,  
Tudo sussura, e geme, e se desfaz em bulha,  
E escancaram-se além os labios teus maiusculos,  
Sofregos de engulir a sua ração de hulha.

Que zoadá infernal! que immenso borborinho!  
Que ruidoso offegar da tua rude gorja!  
Emquanto a ferrea mão, no fervido cadinho,  
Tudo fórma e compõe, tudo produz e forja.

Monstruoso tecelão! incansavel cyclope!  
Monopolisador do labutar humano!  
Caminhante veloz, que rasgas a galope  
As entranhas do monte e os vagalhões do Oceano!

Quando, nos triumphaes, fluctuantes palacios,  
O teu braço arrojado o seio ás aguas corta,  
Os peixes colossaes e os enormes cetaceos,  
Restos de um mundo extinto e de uma fauna morta,

Julgam, vendo esse monstro audaz, de fortes hombros,  
E de longe escutando os seus arquejos taureos,  
Que a Terra se fendeu, e que dos seus escombros  
Surgiu por certo algum dos gigantes saurios.

E as vagas, espumando em volta do seu dorso,  
Perguntam, a rugir de furia, ao Deus do Céu,  
Por que prodigio extranho e por que altivo esforço  
O monstro se creou terrivel que as venceu.

E o vento impetuoso, erguendo para os astros  
O teu halito espesso e a tua voz rouquenha,  
Humilha-se em não vêr, nos desornados mastros,  
As velas que o seu sopro impelle, anima e prenha.

E aos gigantes do mar, á vaga, á ventania,  
O ciumento Deus aponta a humanidade;  
Respondes tambem tu, n'um silvo de ironia,  
Penetrante e mordaz, que risca a immensidade.

Quando o extenso dragão, de lobregas escamas,  
Sob os montes serpeia e pelos campos vóa,  
Fumegante e minaz e vomitando chammas,  
Pousa Constantinopla ás portas de Lisboa,

As moles de granito, as colossaes montanhas,  
Cujô pico ameaça o ceruleo cariz,  
Uivam, loucas de dôr: « Quem nos sulca as entranhas?  
Que parasita audaz nos morde na raiz? »

E as feras do deserto, aspirando os effluvios  
Da serpente a galgar os longes horizontes,  
Fogem, cuidando vêr, salvando-se aos diluvios,  
Um rebanho feroz de negros mastodontes.

E os grandes vegetaes, cuja cabeça altiva  
Prende os raios do sol e affronta o vento irado,  
Com um retrahimento hostil de sensitiva,  
Temem servir de pasto ao monstro esfomeado.

E ás feras, á floresta, á rude serraania,  
O ciumento Deus aponta a humanidade;  
Tambem respondes tu, n'um silvo de ironia,  
Penetrante e mordaz, que risca a immensidade.

O' moderno Titan! o espirito do homem  
No seio te gerou de uma ignobil marmita,  
E o liquido incolor que os teus orgãos consomem,  
Infundiu-te, emprestou-te, uma força infinita.

Sob a aza protectora e rutila do genio,  
O teu poder cresceu com rapida expansão;  
Nas tétas maternas tu sugaste oxygenio,  
Dos uberes da Terra exhaures o carvão.

Sob o esforço tenaz do braço gigantesco,  
Succumbe do passado a candida poesia;  
Cáe por terra o moinho alegre e pittoresco,  
Cujá aza branca arfando ao longe nos sorria.

E o diligente boi côr de ouro, que rumina,  
Ao singelo cantar do rude maiorral,  
Puchando o arado que abre os seios da campina,  
Em breve ha de extinguil-o o sopro teu fatal.

E as eiras estivaes, onde loureja o trigo,  
E onde o vento dispersa as palhetas douradas;  
E o jucundo alarido, e o gargalhar amigo  
Das vindimas louças e das descamisadas;

E o cortante chiar das noras, que parece  
Um riso encantador e bom da natureza;  
E as notas festivaes dos canticos da messe,  
Quando o vivo sol cresta a esbelta camponeza;

*E o estalar do chicote, e a guizalhada leve  
Da diligencia, envolta em nuvens de poeira;  
E o lento caminhar do risonho almocreve  
Que segue pela estrada a mulata andadeira;*

*Todo este encantamento ingenuo da paisagem,  
Pouco a pouco, ó Titan, por teu labor expulso,  
Em breve ha de tragal-o a lobrega voragem,  
Sobre os flancos do Tempo aberto por teu pulso.*

*E nunca mais o Oceano emballará de manso  
Sobre o seio arquejante o brigue que desliza,  
Silenciosamente, em regular balanço,  
As velas desfraldando aos osculos da brisa.*

*E em vez do marulhar monotono e plangente  
Que phosphoreja e attráe os ramos de sargaço,  
O estrondoso cachão, a catadupa argente,  
Que das aguas levanta o parafuso de aço.*

*E em vez do crepitar da vela esbranquiçada  
Sob o vento brincão que lhe gravida o bojo,  
Um pennacho negral de espessa fumarada  
E da hulha carcomida o esqualido despojo.*

*E dominando o olor acre da marezia  
E o effluvio salutar e forte do alcatrão,  
Um cheiro nauseabundo, um cheiro que angustia,  
Como infecções de um ventre em decomposição.*

*Não mais, n'esse porvir que a já propinqua margem  
Não transporá talvez do seculo, não mais  
Se ha de escutar a voz dos obreiros que espargem,  
Ao sahir da officina, os hymnos festivaes.*

*Porque então, ó Titan que animas a materia,  
E cuja mão produz todo o humano labor,  
Hão de erguer-se no mundo os gritos da miseria,  
As maldicções da fome e as lagrimas da dor.*

*Porque tu vaes roubando os humildes salarios  
Aos activos ganhões; e na ferrea engrenagem  
Vaes consumindo sempre o pão dos operarios,  
A alegria do lar, a virtude e a coragem.*

*Pela implacavel lei da lucta pela vida,  
Concede-te o Destino a victoria do forte;  
Filho da humanidade, ó monstro parricida!  
No seio paternal pões os germens da morte.*

*A tua mão converte em largos montes de ouro  
O ingente labutar; mas, como o deus indiano,  
Teu carro triumphal ha de ser calcadouro  
De carne palpitante e de cruor humano.*

*Ergue-o no excelso altar! Dá-lhe por supedaneo  
Ruinas do passado, ó forte Prometheu!  
Mas esquece que o filho emerso do teu cranco  
Traz no flanco robusto a vingança do Céu!*

Henrique LOPES DE MENDONÇA.

*Pensativo e sagaz, medite o genio do homem  
Perante o extranho horror de vaga prophesia;  
Os olhos no porvir, á espera de que assomem  
Os primeiros clarões d'essa aurora sombria.*

*E, como o estatuario attonito se dobra  
Perante o deus que á pedra arranca a sua mão,  
O genio humano assim, deante da sua obra,  
Sente algido terror gelar-lhe o coração.*

*Mas enquanto o teu braço impavido não cose  
A poesia do amor na gelida mortalha,  
Levantam-se as canções da tua apotheose,  
E o Hosanna triumphal pelo mundo se espalha.*

*Voae, fagulhas de ouro! Uivae, silvos de prata!  
Dansae, embolos nús! Gyrae, volantes rapidos!  
Solltae, helices de aço, a rude serenata!  
Desprende, fumarada, os teus novellos vapidos!*

*O' correias sem fim, ciciae, zuni, zoae!  
Percuti, traquinae, tundantes alavancas!  
Martello estrepitoso, abala, desce, cae!  
Desfazei-vos no azul, cotoneas nuvens brancas!*

*Rangei, roncae, rugi, ó vaporosos jactos!  
Remordei, crepitae, ó ferreas dentaduras!  
Abrazae-vos, fulgi, ó rochedos compactos!  
Resplandecei na sombra, ó fornalhas impuras!*

*Hauri, sugae, chupae, valvulas, beiços avidos,  
Nas entranhas do mar e nas fontes da terra!  
Borbulhae, refervei, caldeiras, ventres gravidos,  
Onde o germen da força athletica se encerra!*

*O' Terra sempre bella, ó Terra sempre joven!  
N'uma cinta de ferro envolve-te o Titan;  
Ao seu correr veloz as Nymphas se commovem,  
E o seu silvo estridente assusta o velho Pan!*

*O' Mar vasto e arquejante! O' Mar profundo e argenteo,  
Onde o gigante crava os fortes aguilhões!  
Fogem da sua esteira as Naiades, e sente-o,  
Nos antros de coral, o bando dos Tritões!*

*O' Céu, ó concha azul que envolve o Universo!  
O respiro do monstro empana o teu cariz;  
E o rebanho dourado, em teus plainos disperso,  
Parece que se affoga em seus floccos subtis!*

*Ativa Humanidade, eleva-te e proclama,  
No velho e novo Mundo, as glorias do Vapor,  
Incansavel Titan, Dragão de ferro e chamma,  
Hoje teu servo ainda, amanhã teu senhor!*



# Cyrao de Bergerac

O sucesso da peça do Sr. Edmundo Rostand foi simplesmente extraordinario. Na memoravel noite em que, após tantos annos de exilio, foi o *Hernani* representado na scena da Comedia franceza, o entusiasmo que acolheu o drama de Victor Hugo, não foi tão grande, as aclamações que provocou, foram menos estrondosas do que as que mereceu *Cyrano de Bergerac*, a nova producção do joven poeta. Assim se exprime um abalitado critico em relação á peça em cinco actos, em verso, representada no theatre da Porta Saint-Martin a 28 de Dezembro. Unanimemente declaram os jornaes que jamais foi uma obra theatral tão delirantemente applaudida.

Edmundo Rostand conta approximadamente vinte e nove annos. Depois de se ter estreiado com successo na Comedia franceza, onde « *Les Romanesques* » merecerama mais lisonjeira apreciação a que podia aspirar um principiante, teve a fortuna de ver a sua segunda producção « *La princesse lointaine* », interpretada pela incomparavel tragica Sarah Bernhardt, que, mais tarde, soube encarnar, com o seu talento raro, a *Samaritaine*, do mesmo auctor. Edmundo Rostand, de quem se conhecem poesias avulsas de grande valor, não era portanto um desconhecido; hoje, graças ao seu *Cyrano de Bergerac*, vê seu nome proclamado entre os primeiros poetas e dramaturgos de seu tempo.

Foi Constant Coquelin, o primoroso artista, cujo talento malleavel se adapta ás mais diversas manifestações, quem tomou a si o principal papel da ultima peça de Rostand.

Cyrano de Bergerac é, como se sabe, o nome de um litterato francez, nascido em Paris em 1620, morto em 1655, auctor do *Pédant joué*, desopilante comedia, na qual Molière se inspirou quando compoz as *Fourberies de Scapin*. Era Cyrano um ente original, ao mesmo tempo que um bravo. De sua excentricidade se relatam exemplos; de sua coragem se contam extraordinarios casos, havendo elle na Companhia dos Guardas, de que fez

parte, merecido o cognome de « demonio da bravura. » Bateu-se innumeras vezes em duello, ferindo mortalmente nada menos de dez adversarios, entre os mais famosos duellistas de sua epocha.

Dotado de um nariz de excepcional tamanho, que muito o prejudicava, Cyrano de Bergerac sabia manejar a penna com sarcasmo. Entre as numerosas polemicas em que esteve envolvido, citam-se notavelmente as questões violentas em que teve por contendores Scarron, Loret e Dassoucy.

Cyrano, o homem mais bravo e mais espirituoso de sua geração, conforme se exprime um dos seus biographos, escreveu uma peça intitulada « *Agrippine* », além da « *Histoire comique des États et Empires de la Lune et du Soleil* », se apenas recordarmos as suas obras mais conhecidas.

Foi esse o modelo escolhido por Edmond Rostand para a sua peça, em verso, que é uma comedia de aventuras, ao mesmo tempo que um drama de capa e espada, em que ha a nobreza de um amor admiravel e heroico.

Eis, em traços largos, o entrecho d'essa comedia-drama, o maior successo theatral d'este seculo, segundo a opinião de um velho critico. No primeiro quadro, que se passa no « *hôtel de Bourgogne* » durante uma representação da

Comedia-Italiana, Cyrano, contando apenas vinte annos, reconhecivel entre todos pelo seu nariz prodigioso, que o tornava grotesco, assiste ao espectáculo. Vendo apparecer o actor Montfleury, o original Cyrano lhe intima a ordem de não representar n'aquella noite; e o artista, intimidado, obedece, enquanto os espectadores, os burguezes, se retiram, murmurando. Quanto aos fidalgos que se acham presentes, protestam contra a farça, chegando um d'elles, um marquez, a al ludir, com referencias pouco amaveis, ao nariz de Cyrano. Este, que em poucos instantes se desfaz do seu adversario, explica, então, ao seu amigo Le Bret o motivo de tão grande escandalo. Porque tanto odeia Montfleury? Porque o artista ousára, pretenciosamente, ambicionar o amor de Roxana, a divina



Edmond Rostaud.

Roxana, prima de Cyrano, por quem é ella secretamente adorada.

Acclamado pelas damas que ornavam as galerias e que lhe perdoavam a enormidade do nariz pela bravura e galhardia com que elle se batêra, Cyrano é coberto de flôres. Uma velha, enviada pela sua prima, vem indicar ao famoso duellista uma entrevista na casa de um pastelleiro. Que pôde querer Roxana? É immensa a anciedade de Cyrano, que, imaginoso e feliz, se julga ardentemente correspondido; e esse amor lhe dá ainda mais



Coquelin no papel de Cyrano.

vigor e mais coragem para a lucta, porquanto, em defeza de um amigo, põe em fuga algumas dezenas de homens que o perseguiam. Acaba assim o primeiro acto, inteiramente conforme á historia anecdotica de Cyrano de Bergerac. No quadro seguinte, o bravo dos bravos treme e hesita, á ideia de fallar á sua prima, a quem precede no ponto indicado. Receioso de proferir incorrectamente a sua declaração, elle escreve as suas palavras de amor. Roxana chega, embaraçada tambem; ella igualmente ama, mas não é decerto Cyrano o ob-

jecto de sua afeição; é Christiano. E, confiante na amizade do primo, Roxana lhe revela os seus sentimentos, pedindo para o seu escolhido a protecção poderosa de Cyrano, que, fazendo violencia ao seu coração, empenha n'esse sentido a sua palavra. Christiano, que ignora o facto, vem a provocar o primo de Roxana, o qual, longe de replicar, lhe offerece o seu auxilio e a sua amizade. Mas Christiano receia fallar a Roxana. — Escreva-lhe, aconselha Cyrano. E dá ao seu rival a declaração escripta que elle fizera pouco antes, em intenção da prima. Este acto, de que apenas esboçámos as scenas principaes, abandonando alguns episodios comicos que o completam, é uma obra prima de sentimento e de psychologia.

O quadro seguinte representa uma praça em frente á residencia de Roxana. Graças á intervenção providencial de Cyrano, pôde Roxana desposar Christiano, emquanto de Guiche, outro rival, é ludibriado pelo generoso primo de Roxana. O quarto acto nos transporta a Arras, sitiada pelo exercito hespanhol. Ahi reina a fome. Guiche, commandando o batalhão a que pertencem Cyrano e Christiano, colloca ambos no ponto mais atacado. Os soldados morrem de inanição, só animados pela coragem e pelo bom humor de Cyrano. Roxana, afrontando mil perigos, vem encontrar o marido. Agradece-lhe as bellas cartas que lhe escrevêra; mas essas linhas ardentes foram todas traçadas por Cyrano. O embaraço de Christiano é extremo. Como confessar a verdade? Elle se afasta; mas o inimigo que visa desde muito o ponto em que elle se acha, envia-lhe uma bala certa. Ao morrer, quer o marido de Roxana revelar-lhe a intervenção de Cyrano, o secretario eloquente, que tão inspiradas paginas sabia escrever; mas o bravo impede essa confissão, e Christiano morre, com o seu segredo. A batalha se trava. Roxana se conserva valentemente entre os companheiros de seu marido, e Cyrano cõe varado por uma bala. Decorrem quatorze annos. Roxana se acha n'um convento, onde recebe a visita de Guiche, agora marechal de Grammont; Cyrano a visita, com frequencia, e, amigo leal e discreto, jamais allude ao seu amor. Mas um dia, por accidente ou por odioso proposito, uma pesada viga cahiu sobre a sua cabeça. Elle sente que a sua derradeira hora se approxima; e, ao lado de Roxana, pede-lhe que lhe dê a lér a ultima carta de Christiano, achada junto ao corpo do official. E começa essa leitura, que, inconscientemente, emquanto a noite vem baixando, elle continúa de cór. O seu segredo se revela assim, máo grado seu.... Mas o delirio, que lhe prenuncia a morte, assalta o seu cerebro abalado; elle vae morrer, porém morrer de pé; e, apoiando-se a uma arvore, tira a sua espada, com a qual fere os seus invisiveis inimigos: a hypocrisia, a miseria, a fealdade.... Eis, em muito ligeiro esboço, a peça em que Coquelin Ainé arranca os mais calorosos bravos no theatro da Porte Saint-Martin.



# Figuras e quadros do seculo XVIII em Portugal

(Fragmentos de um livro inedito)

## I

**F**REQUENTAVAM então a casa de Alorna as figuras principaes da cõrte. É azado, portanto, o enseo para fazer uma rapida resenha d'essa cõrte, ainda fulgurante, ainda opulenta, e que foi a ultima, digna d'esse nome a um tempo ôco e brilhante, que nós possuímos.

Não era bella a rainha que lhe presidia, mas um viajante inglez tão admiravel observador como Horacio Walpole e tão fino *dilletante* como este, que ao tempo estava em Lisbõa, declarava que era verdadeiramente impressionadora a gentil magestade do seu porte, a nobre expressão bondosa e ao mesmo tempo imperativa da sua physionomia.

De entendimento limitado e educação deploravelmente defeituosa, esta pobre rainha foi uma martyr do seu alto destino. Nascêra para ser uma excellente e cuidadosa esposa e mãe; teve de governar, em crise de transição tempestuosa e difficil, um paiz na sua generalidade ainda meio barbaro.

De um lado a piedade filial, que foi n'ella uma virtude acrysolada, ordenava-lhe que respeitasse absolutamente as decisões, por violentas que fossem, com que D. José assignalou o seu reinado energico; por outro lado, uma reacção desenfreada, tomando as apparencias de justiça, e usando das armas que a Igreja põe na mão dos seus ministros, impellia-a para o caminho da mais irreverente demolição de todo o reinado precedente. Persuadiam-na a que castigasse aquelles que o pae tinha amado; que rehabilitasse os que o pae considerou como seus assassinos; que desfizesse as sentenças que o pae confirmára, e ora lhe pintavam com vivas côres o rei que a antecedeu a arder nas chammas do inferno pelo mal que tinha feito á fidalguia e aos ministros da Igreja; ora lhe representavão com côres não menos vivas a sua futura condemnação apenas eguaes, se não desfazia toda a obra iniqua ideada por Pombal e que D. José deixára executar. Esta lucta foi dolorosa, foi cruel demais para o cerebro fraco da infeliz rainha. Endoudeceu!

Ouviam-na pa.sar pelos vastos corredores do Paço, rompendo os ares desesperadamente com a sua queixa ululante, com o uivo tragico da sua loucura! Os gritos que ella soltava, agudos, dilacerantes, gritos de alma penada que implora o fim da negra expiação, echoavam lugubrememente pelas salas da Ajuda ou de Queluz.

Beckford que lh'os ouvia, compara-os aos tragicos lamentos estridulos que as abobadas do castello de Berkeley repercutiram, quando a Eduardo II foi infligida a mais crúa e torturante das mortes.

*Ai Jesus! Ai Jesus!* Gritava ella na amargura infinita da sua agonia, julgando vêr, — do meio d'uma chamma

enorme que lhe incendiava o quarto, lambendo com milhares de linguas de purpura a cama em que ella se debatia, — surgir o pae, tal como o representa a estatua *Jo Terreiro do Paço*, mas negro, calcinado, feito em carvão, enquanto uma multidão de phantasmas, horrendamente desfigurados — os phantasmas de Belem — o empurravam para baixo, para o Inferno, para o eterno fogo que nunca se consomme, para a chamma perpetua que nunca se apaga! Que tragicas visões *shakespearianas* as d'essa pobre mulher fanatica, instrumento e victima dos reaccionarios que a enlouqueceram! As suas noites sem somno ou cortadas de pesadellos atrocissimos; as luctas acerbadas da sua consciencia sem bussola e sollicitada ardentemente para contrarios lados; as palavras crueis dos seus conselheiros, tão implacaveis no odio, tão exigentes na vingança; as incertezas em que se debatia o seu obscuro entendimento; — tudo fez d'ella a victima expiatoria de crimes, cuja razão d'Estado nunca chegou a penetrar.

O historiador allemão Henrique Schaeffer, a quem se deve uma das melhores historias de Portugal que possuímos, o benevolo Beckford que tão intimamente sympathisou com a alma portugueza; o maledicente mas penetrante Costigan; o duque de Châtelet que na sua estada em Lisbõa frequentou o paço e conviveu com agente mais grada da cõrte, todos são unanimes no juizo favoravel que acerca da Rainha formulam por bem diversas maneiras.

— « A rainha, diz Châtelet, é uma mulher verdadeiramente digna de estima e respeito.

Não possui, porém, um só dos predicados que constituem uma grande rainha. Ninguem é mais caridoso e mais compassivo do que ella. Mas estas excellentes qualidades são viciadas por uma mal entendida e excessiva devoção. O confessor (seria sempre elle?) obriga a a despender em devotos e penitentes exercicios o tempo que, sem damno da sua salvação, poderia consagrar á felicidade dos seus povos. »

Escrevendo isto, o duque de Châtelet não sabia que D. Maria I, a infeliz, a tragica rainha, quando passava assim as horas prostrada ante o altar do Deus terrivel, tinha como objecto unico o alcançar, á força de orações ardentes, de humildes supplicas, de rezas interminaveis, a salvação, não da sua propria alma, mas da alma d'esse pae que adorava, e que lhe pintavam como a preza dos castigos do Eterno. Em vão lhe diziam que era inexpiavel o crime d'esse rei que perseguira os servos da Egreja e os grandes vassallos da monarchia; ella, piedosa e doce mulher, teimava em persuadir-se, embora pouco orthodoxamente, de que ás sentenças vingadoras e implacaveis do Deus de Israel se pôdem temperar pela ternura humilde das nossas supplicas e pela ardente e copiosa torrente das nossas lagrimas; que

a chamma, deslumbradora e terrível do Sinai se volvéra para nós christãos, no dolente e ineffavel espectáculo dos supplicios do Calvario!

Por isso chorava e rezava continuamente nos degraus do altar, pedindo a Deus o perdão do pae que tanto amára, do pae em quem não queria nem podia vér um condemnado sem esperança.

« A misericórdia e a justiça, dizia Beckford, que são o lemma com tanta impropriedade escripto na bandeira do *Santo Officio*, poderiam applicar-se com verdade irrefragavel a esta princeza boa e virtuosa ».

A *decent fresh looking woman* chamava-lhe Costigan, o menos corteção de todos. Pois até essa frescura physica murchou, desapareceu no combate interno em que a razão da infeliz rainha sossobrou finalmente.

\* \* \*

Aquelle que podia ser seu guia moral, seu compa-  
nheiro e seu amparo, não passava de uma das mais grotescas, senão da mais grotesca figura da sua cõrte. — É ainda a Costigan que vamos pedir a descripção do marido que a politica portugueza impoz á desventurada mulher. « Ao pé de D. Pedro III, diz o espirituoso observador irlandez, o proprio rei Carlos III de Hespanha, tão celebre pela fealdade, pôde ser considerado um verdadeiro Adonis. O desalinhado aspecto da cabelleira loura sempre á banda, o olhar azul-claro parado e estúpido, as feições asperas, grosseiras e desharmonicas, tudo lhe dava o estonteado aspecto — a elle, coitado, que nem vinho provava — de um velho inglez vencido pela quasi completa ebriedade. »

Vivia, de resto, a rezar, encerrado na sua devoção estreita, formalista, sem generosidade e sem ideal, como uma ostra na sua rude concha. Não tinha mesmo sequer uma hora para se informar acerca das coisas publicas, (que não perceberia é certo), pois que todo o seu dia passava no seu oratorio particular, na capella, ou nas festas religiosas que em Portugal ostentavam n'aquelle tempo o maior luzimento e a mais soberba pompa. Eram ellas o assombro dos viajantes estrangeiros, ainda os mais cultos e bem informados, que nem no Vaticano tinham visto cousa que se comparasse á belleza, magestade e perfeição com que na capella da rainha se executavam as musicas de Jomelli, de Perez, de Haydn e de outros mestres igualmente celebres.

Quando El-rey acordava d'esse estranho somnambulismo mystico, em que a existencia se lhe esvazia, tinha a mais pueril credulidade para tudo que lhe diziam os homens da nobreza que o cercavam e que eram os chefes da aristocracia.

O abbade Garnier, cura da igreja de S. Luiz, que então vivia em Lisboa e cujas cartas interceptadas no *Gabinete da abertura* são fonte preciosa de informação á cerca dos acontecimentos contemporaneos, pois que o abbade tinha a aguda faculdade observadora peculiar ao seu estado, diz de D. Pedro III isto mesmo, accrescentando que a rainha, cujo espirito é muito justo, mais circumspecta nas suas fallas, mais moderada, mais prudente e esclarecida nas opiniões, não se deixa tão facilmente arrastar pelo que ouve em torno de si aos interesseiros aulicos, que, não podendo convencê-la, por isso mesmo a enlouqueceram. O duque de Châtelet, esse julga D. Pedro

devoto até ao fanatismo, sombrio e silencioso, constantemente occupado em preces e procições.

Como é pois que tal rei podia ser um conselheiro efficaç e razoavel para a consciencia timida, nutrida do escrupulos, devotos e alanceantes da infeliz filha de D. José I?!

## II

Ao pé da rainha e do rei, de quem esboçamos os lineamentos vagos, apparece uma formosa figura que a morte espreira já, com a caprichosa preferencia que a tem quasi sempre attrahido para os primogenitos de Bragança.

E' a figura do principe do Brazil, D. José. O marquez de Pombal estremecia, e educára, politicamente, este moço em quem antevia, porventura, o continuador energico e efficaç da obra que elle sonhára e da qual chegára a realizar as edificações fundamentaes.

Dizia-se, e ha cartas de Leonor de Almeida a seu pae escriptas de Chellas que se referem com segurança a este projecto, que a ideia fixa do marquez de Pombal consistia em fazer promulgar em vida de D. José a lei salica em Portugal, tornando nullos os direitos de D. Maria e determinando assim que ao rei, seu instrumento passivo, succedesse o rei, seu discipulo intelligente.

E' muito possivel que, se tal houvesse succedido, o primeiro acto do principe fõsse expellir de si o velho conselheiro de seu avô, o velho sustentaculo de uma politica reformadora e energica. O marquez queria continuar a dominar absolutamente, fazendo render o serviço feito; o juvenil monarcha teria a natural sêde do mando, que é uma das mais nobres ambições viris, e o conflicto não poderia evitar-se entre ministro e rei.

Assim o vimos recentemente n'um famoso exemplo, e as leis da historia variam pouco nas suas consequencias e na sua marcha. Tambem Guilherme II era discipulo e querido discipulo de Bismarck, e sabemos como elle tratou o grande chancellor da Allemanha unificada e poderosa.

Não se pôde, porém, saber ao certo se esta ideia germinou no espirito do Marquez de Pombal ou se gratuitamente lhe foi attribuida pelos seus inimigos para mais o indispõrem com a rainha D. Maria I. O que se pôde affirmar é que Pombal tinha communicado ao principe do Brazil os seus odios dominantes, as duas paixões supremas que moveram toda a sua politica; o odio ao inglez e o odio ao jesuita. Elle sabia que a manha subtil e insinuante de um e a força brutal e triumphante do outro tinham de minar e destruir esta fraca nação.

Inspirára-lhe igualmente o seu amor do progresso material e a sua repugnancia pela educação fradesca que punha Portugal a cem leguas de atrazo em relação ás outras nações européas.

Afastado dos negocios o grande ministro de D. José, o principe do Brazil via com desespero, curvada de novo em attitude de abjecta: ubserviencia diante do gabinete inglez, a cõrte de sua mãe.

O abjecto da sua grande admiração era José II, imperador de Austria, com quem se correspondia atravez do duque de Lafões, o qual, durante a sua longa permanencia em Vienna, privára intimamente com o imperador

e com os primeiros personagens da sua luzida côrte, uma das mais namoradas de arte que ainda brilharam no mundo.

O que o príncipe do Brazil mais admirava em José II era a sua concepção moderna civilista e centralisadora do Estado, eram as suas reformas ecclesiasticas e pedagogicas, emprehendidas e realizadas contra o que elle, Imperador, classificava nas suas cartas como a *dominação dos fakirs e dos ullemas* e tendo por fim roubar á tribu de Levi o monopólio da intelligencia humana; era o seu combate efficaz contra o ultramontanismo, contra os abusos de auctoridade das congregações religiosas, emfim o seu amor da liberdade religiosa e do progresso industrial, tão raros n'um soberano.

Vendo a nobreza ociosa e a fradaria estulta, que ambos tinham concluido a sua missão historica, e que, portanto, só podiam ser um tropeço e um obstaculo, manterem este pobre paiz na ignorancia e na inercia, vendo a nossa inferioridade militar que elle se não cansava de attribuir á dominação do clero, fatalmente debilitadora da energia de uma raça outr'ora heroica, o príncipe do Brazil sonhava com uma transformação tão radical no sentido religioso, social e economico, como essa a que o Imperador austriaco estava sujeitando o amalgama de povos que constituíam o seu vasto e desordenado imperio, que antes d'elle se tornára um verdadeiro Estado theocratico á moda antiga.

Não é que José II fosse um liberal no sentido moderno da palavra. O seculo XVIII não teve principes liberaes. Nem José II, nem Frederico de Prussia, nem Catharina o foram. Foi, porém, o seculo em que os imperantes tentaram introduzir reformas radicaes na administração dos respectivos Estados, usando para estabelecer essas reformas revolucionarias das armas que o absolutismo levado aos seus extremos limites lhes fornecia a todos.

A rapida reacção que no espirito de uns se operou, a inutilidade dos esforços dos outros, a tempestade medonha que a boa vontade da maior parte desencadeou na Europa, mais uma vez vieram confirmar a lei moral de que no mundo é indispensavel a harmonia entre os meios e os fins, e a lei historica de que não póde vingar nem fructificar pacificamente uma revolução vinda de cima.

A crise por que então passou o mundo, para que n'elle florescesse a liberdade politica, é a mesma, pouco mais ou menos, que hoje atravessamos para que se melhorem

e modifiquem as condições economicas do maior numero. E assim como então havia reis e imperadores philosophos que queriam dar á burguezia, como um favor outorgado, o que ella exigia como um direito irrefragavel, assim hoje ha no apice do edificio social o Papa e mais abaixo os Estados e os Soberanos, que querem attender ao mal estar das classes desvalidas e conceder-lhes, como regalias, aquillo que elles proclamam como imprescriptivel obrigação. Nem a burguezia do seculo XVIII nem o quarto estado do seculo XIX acceitam o favor partindo de cima.

Uma conquistou o seu lugar, o outro conquista-lo-ha mais tarde, e muito sangue e muitas catastrophes individuais e collectivas foram e serão o preço sagrado da conquista. Será amanhã inutil a intervenção dos poderes estabelecidos, como foi então ephemera a obra revolucionaria dos reis como José e Frederico, de ministros como Pombal.

Do programma de José II, que tanto captivára o nosso príncipe do Brazil, se disse que era a antecipaçao de tudo que mais tarde e durante a Revolução fez a Assembléa Constituinte. É que tanto a França de 1789, como o imperador da Austria, obedeciam ao mesmo ideal de razão pura, proclamado pela philosophia do seculo.

Não admira que essa abstracção encantadora seduzisse tão completamente o pobre príncipe.

Os que fallavam com elle intimamente, percebiam sem custo o doloroso desdem que as cousas da sua terra, voltadas desde a morte de Pombal ao antigo estado, lhe produziam no avançado espirito.

Pensava em libertar o seu paiz e a sua raça do jugo de um fanatismo esterilicante, reflectido nas ideias e nos factos, desde a religião até á economia, mas a morte que teimou em prostra-lo na flôr dos annos, não lhe deixou pôr em execução os seus projectos grandiosos, poupando-o á triste decepção que aguarda todos os que julgam oppôr efficazmente a vontade individual ao fatalismo irreductivel das correntes historicas que promanam de remota origem. Assim tambem o doce visionario que se chamou Pedro V, morreu antes de ter cumprido as esperanças que sobre elle edificára esta nação *messianica*, que ha tanto tempo espera debalde por um salvador providencial....

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.





# LIVROS NOVOS

**MARIA RITTA**: *Episódios do Ceará colonial*, de RODOLPHO THEOPHILO. Fortaleza, Cunha, Ferro C<sup>a</sup>, Editores. 1897.

O Ceará é hoje um centro intellectual do Norte do Brasil, onde é grande a preocupação litteraria, onde a cultura cada dia mais se eleva, e onde cresce o numero dos trabalhadores das lettras.

Expressão das mais sympathicas d'esse estado d'alma da sociedade d'aquella região brasileira é o romance do Sr. Rodolpho Theophilo, que, no seu sub-titulo, *Episódios do Ceará Colonial*, tem indicado ao mesmo tempo o theatro e a epocha da acção. O episodio do romance é desenvolvido no Ceará em 1820-21, no fim do regimen colonial, e o auctor, forçando talvez um pouco a Historia, descreve a população brasileira cheia de aspirações de independencia, os colonos portuguezes desconfiados e tyrannos e todos vivendo entre os arroubos de liberdade dos brasileiros e as injustiças dos portuguezes. Nas provincias do Norte do Brasil, posteriormente á Independencia, e não antes, é que houve atrito entre portuguezes e naturaes, e as causas foram economicas e sociaes e não politicas. O portuguez era o negociante e o brasileiro era o productor, e esse antagonismo natural no dominio economico tornou-se agudo com a crise da Independencia. Até em 1848 houve quem fizesse do que se chamava nacionalisação do commercio a retalho, isto é, exclusão do portuguez do commercio, bandeira de partido e até de revoltas.

O capitulo I, que se poderia chamar o Episodio primeiro e que bastante singularmente fica no livro isolado e sem ligação visivel com o romance, conta-nos o horrivel soffrimento de umas lévas de recrutas cearenses que o Governador mandou, n'um navio infccionado, para o sul, aonde não chegaram todos os infelizes, pois grande numero morreu da falta d'agua e da variola que rebentou a bordo. — O romance começa no segundo capitulo, onde se vê a entrada, pelas ruas da Fortaleza, de um comboio de um cultivador abastado, o portuguez José Maria da Purificação, homem enriquecido no sertão, que vinha, carregado de presentes, obter do Governador a prisão de Joaquim de Queiroz, o trovador sertanejo, o valente, o heróe do romance, que raptára a filha do Portuguez, a Maria Ritta e que deixando-a em deposito n'uma fazenda, andava a lidar para legalisar a situação por um casamento. O portuguez era contrario ao casamento, mas era sobretudo a sua opposição acirrada por uma cunhada solteirona, que governava a casa do cunhado viuvo, martyrisava a sobrinha, aterrava o cunhado e era o algoz dos escravos e das escravas. É a Vicencia da Gloria, um typo vivo e natural, que o leitor sente e vê. É uma creação, o que é o maior elogio que se pôde fazer á obra de um romancista. Não são poucos os escriptores brasileiros que escrevem melhor do que o Sr. Rodolpho Theophilo, mas desses nem todos têm conseguido dar tanto relevo e tanta vida a um dos seus personagens. Vicencia da Gloria manda matar o pretendente, mas o pretendente quasi mata o Banda-Fórta, escravo encarregado da tarefa, e realisa o rapto. Aparece o Prazeres, um portuguez forasteiro e senhor de um roteiro de uma celebrada mina de ouro; Purificação perde a cabeça com a ambição do ouro e quer obrigar a filha a casar com o Prazeres. O padre Bulhões, usurario portuguez, vigario da villa vizinha, presta-se ao crime e casa Maria Ritta á força. O Prazeres, porém, pela resistencia de Maria Ritta, vê sem resultados a fraude e a violencia do sogro e do padre. Mas o Purificação já tinha ido á Fortaleza, e já viéra do Ceará a ordem de prisão contra Joaquim Queiroz. A ordem é cumprida e vae preso o heróe para Fortaleza. Atraz delle vae o pae com um cinturão cheio de grossas onças de ouro, e nós vemos o astuto sertanejo, na Fortaleza, a brincar com os pequenos do Juiz, dando-lhes das onças do cinturão como lembranças e, para se divertirem, fazendo-as rolar isto deante das molles reprehensões do magistrado. O brinquedo,

das onças deu bom resultado e Joaquim Queiroz foi solto. Maria Ritta, prisioneira da tia Vicencia, fôge para as selvas, depois de ter queimado á candeia o roteiro do Prazeres, que, sem roteiro e batido nas suas avançadas nupcias, é posto fóra da casa do quasi-sogro. Belmonte, o fiel amigo de Joaquim, encontra Maria Ritta nas selvas e leva-a ao Joaquim Queiroz, não sem primeiro agarrar no Padre Bulhão e entregal-o a uns feiteiros seus conhecidos que lhe deram de comer a celebre raiz, ou bulbo, que produz a cegueira, a mudez como se tem observado varias vezes no Ceará casos diversos por occasião das grandes fomes, quando os famintos andam a devorar raizes pelos campos; o desgraçado que ingere o terrivel veneno, anda, vive, sente, mas não vê, e, se quer fallar, sahem-lhe uivos de lobo da garganta ou lhe estala um burro que se assemelha ao de um bode. N'este estado é o padre Bulhões abandonado na estrada. Maria Ritta encontra finalmente Joaquim Queiroz e ambos vão para um ermo muito longe, onde se faz o casamento, sem padre, o que o auctor conta em linhas que têm um sabôr de esquecida novella de um desembargador do seculo XVIII:

« Queiroz, para dar mais solemnidade ao acto, tomou a mão de Maria e, apertando-a, fez o juramento de tel-a por sua legítima mulher enquanto visesse, amando-a e respeitando-a, ainda mais por tel-a recebido das mãos de Deus no sublime altar da natureza. »

No romance do Sr. Rodolpho Theophilo, atravez de uma linguagem na-la artista e pouco correcta, sobretudo quando o auctor quer fazer psychologias, o que ha de interessante é a vida do sertanejo, as expressões pittorescas do povo, a originalidade do seu dizer, a paizagem espontaneamente real que é a do quadro, as situações tragicas e violentas que ha nas luctas d'aquellas existencias selvagens. O Banda-Fórta e Vicencia, personagens secundarios, que o auctor não quiz aperfeiçoar, escaparam á deformação que soffreu o typo do Joaquim Queiroz, que o romancista, querendo embellezar, apenas conse guiou estragar. Se o Sr. Rodolpho Theophilo conseguisse esquecer o que tem lido e só contasse espontaneamente e com singeleza o que tão bem sabe vêr no Sertão, o seu livro teria uma belleza propria e original, um tanto ingenua e rude, mas é tão bello o quadro e tão extranhos são os personagens, que poderia caber ao auctor entre os brasileiros o logar que entre os Norte-Americanos tem Bret Harte.

Não são verdadeiros aquelles portuguezes que fallam só na segunda pessoa do plural; em 1820 no sertão não havia kilometros nem kilogrammas; não se fallava tão pouco em febre amarella molestia desconhecida n'aquella epocha no Brasil; os Indios brasileiros não adoraram nunca idolos; os jesuitas não são frades e não ha portanto Fr. Fulano, jesuita e nem em 1820 vinham jesuitas para o Brasil, como diz o Sr. Rodolpho Theophilo; não havia, tão pouco, um Codigo criminal do Reino de que um magistrado pudesse citar artigos ao pae de Joaquim Queiroz. É inverosimil tambem o Purificação espantado deante de uma plantação de arroz, elle, camponio de Portugal, onde é tão commum aquella planta. Citamos estas incongruencias para mostrar quanto precisa o Sr. Rodolpho Theophilo de evitar as referencias a cousas extranhas ao seu quadro cearense, que é tão cheio de interesse, tão poetico e vibrante de luz e de vida. Quanto não ganhariam os seus personagens, se fallassem sempre como realmente fallam e não a linguagem concertada da cidade que o auctor por vezes lhes dá?

Em todo o caso, atravez dos seus defeitos e do seu desalinho, o romance *Maria Ritta* é interessante e chega, ás vezes, a ser captivante, tão curiosos são os personagens. Por vezes ha notas tão verdadeiramente tragicas e inolvidaveis pela sua extranheza, que facilmente fazem esquecer as fraquezas do livro.

READER.

# A cidade das Igrejas

**M**oscow, a cidade santa, a Roma da Igreja russa, foi capital do imperio, sendo até Pedro, o Grande, a residencia dos tsares. Ahi habita a alta nobreza, ahi se desenvolve o maior commercio do paiz. Séde de um consistorio, é Moscow situada ás margens da Moskova e da Iaouza, em uma planicie ondulosa e fertil, estendendo-se a cidade sobre sete collinas.

Conta 400 igrejas, 21 conventos, 127 hospitaes, 454 escolas, 23 cemiterios; possui uma importantissima universidade, fundada em 1755 e frequentada annualmente por 1,800 estudantes; tem, além d'isso, nove bibliothecas, varios muséos, uma academia ecclesiastica grega, uma academia de medicina, 65 asylos, etc., sendo em numero de 939 os seus estabelecimentos manufactureiros. O movimento commercial, favorecido pelas vias ferreas, pelas estradas macadamisadas que a ligam ás principaes cidades do imperio, e pela navegação da Moskova, está em relação com a sua actividade manufactureira. Na primavera é a Moskova navegavel, podendo Moscow communicar com o Volga, por meio do Oka.

A cidade, que é a maior do mundo, depois de Constantinopla, offerece uma fórma circular, e divide-se em cinco partes: o Kremlin, o Kitaï-Gorod, o Zemlianoi-Gorod, o Gostinnoi-Dvor e o Beloi-Gorod.

As principaes igrejas de Moscow são: A cathedral da Assumpção, construida em 1475 pelo architecto R. Fioraventi, é um conjuncto bizarro de architectura byzantina e tartara. Incendiada mais de uma vez, tem sido reconstruida em sua fórma primitiva. Encerra esta cathedral um riquissimo thesouro. Entre outras cousas dignas de nota, vê-se ahi a cruz que Pedro, o Grande, trazia na batalha de Poltava. Quatro enormes pilares sustentam o tecto, com uma grande cupola rodeada de quatro menores. As paredes são cobertas de pinturas a fresco sobre fundo dourado. É n'essa cathedral que se corôam os imperadores. Os primeiros pastores da Igreja russa são enterrados n'esse templo, do mesmo modo que os metropolitanos de Moscow.

A cathedral do Archanjo São Miguel, fundada em 1333, tem cinco cupolas. Nas paredes notam-se curiosas pinturas a fresco, representando o *Juizo final* e os antigos soberanos da Russia. Junto ao altar veem-se preciosas reliquias, livros santos e vasos sagrados. Ha n'esta cathedral uma longa fila de sarcophagos dos antigos soberanos russos, mortos de 1253 a 1696. Como architectura, é a cathedral do Archanjo São Miguel muito semelhante á Assumpção.

A cathedral da Annunciação foi terminada em 1507. Tem o mesmo estylo, approximadamente, das duas igrejas precedentes. N'este templo, que foi incendiado em 1547, os antigos tsares se baptisavam e casavam. Acima do grande portico, vê-se uma imagem do Christo, em prata, a da Virgem, no mesmo metal, e as de varios santos. O

sólo da igreja é de agatha. Além de diversos outros quadros, nota-se n'esta cathedral uma curiosa tela: a Annunciação. A Virgem é ahi representada junto a um poço, no momento em que o anjo desce, a fim de lhe annunciar que ella será a mãe do filho de Deus.

A igreja de São Nicoláo tem uma alta cupola dourada e trinta e dois sinos, alguns dos quaes enormes.

A cathedral da Protecção da Santa Virgem, com as suas dezeseis torres e cupolas dissemelhantes, é um edificio em extremo bizarro. Foi construido em 1554, em acções de graças á tomada de Kazan. Tem dois andares e vinte capellas.

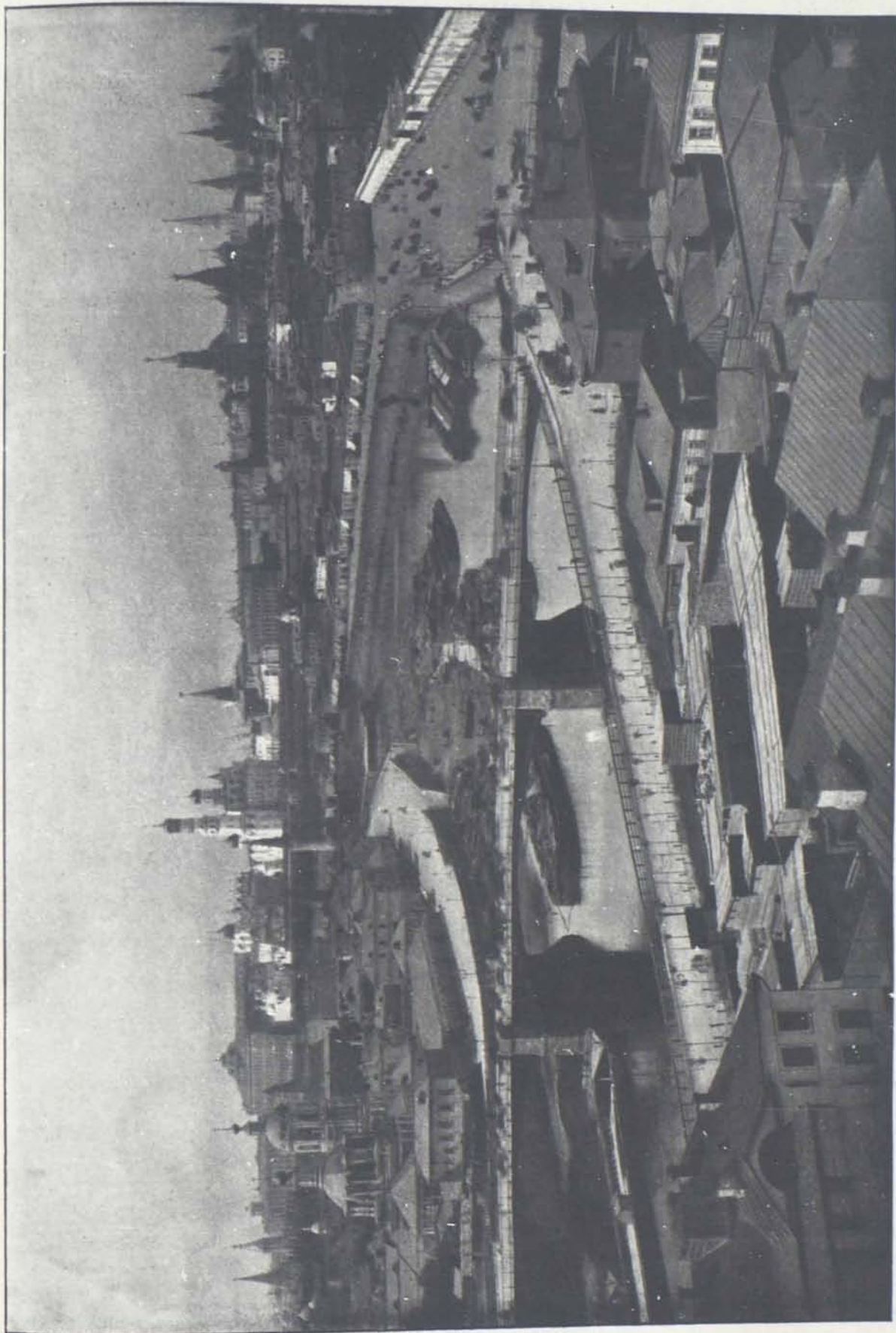
A igreja de Martinho, o Confessor, é um edificio moderno, que tem sido comparado á igreja de S. Paulo, de Londres. A cupola é vasta e elegante; o campanario é ligado á igreja por uma especie de arcada.

Entre as outras igrejas de Moscow, podemos ainda citar:

A cathedral de S. Bazilio, construcção bizarra, que foi começada em madeira, sob Ivan, o Terrivel. Diz a legenda que, após a sua construcção, fez Ivan furar os olhos ao architecto, a fim de impedir que elle reproduzisse a obra prima. Tem sido esta igreja por varias vezes incendiada e restaurada. Contem onze capellas, sendo as abobodas em fórma de ananazes e cebolas. O seu aspecto exterior é extranho e phantastico.

A *cathedral da Ascenção*, construida em tijollo vermelho, é conhecida vulgarmente pelo nome de « igreja encarnada ». Contem treze cupolas, dispostas em fórma de pyramides. Excitou a admiração de Napoleão em 1812.

A *capella Iberiana* foi construida em 1669. É uma das mais celebres da Russia, sendo visitada pelo tsar todas as vezes que o soberano vae a Moscow, antes de entrar no Kremlin. Não ha russo que, de passagem por Moscow, não penetre um momento na Capella Iberiana, a fim de fazer ahi o signal da cruz. A capella está ordinariamente repleta, sendo numerosos os mendigos que, á porta, imploram a caridade publica. O templo, que é pequeno, encerra no santuario a mais celebre imagem santa da cidade: a imagem milagrosa da Virgem Iberiana, que é uma copia exacta da Virgem do convento iberiano do monte Athos. Tem sobre um dos hombros e na fronte grandes pedras preciosas; na cabeça veem-se perolas verdadeiras e uma corôa de brilhantes. Quasi todos os dias é transportada através das ruas de Moscow, em um carro puxado por seis cavallos, com lacaios em libré e sem chapéo. A imagem visita, assim, enfermos ou assiste a festas de familia; o povo a saúda respeitosa e nas casas percorre todos os aposentos, e, depois de haver recebido uma somma, que varia de cinco a cem rublos, conforme as posses de cada qual, vae visitar outra familia. Em sua ausencia, é substituida, na capella, por uma copia.



A CIDADE DAS EGREJAS



## a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do n.º 12.

QUANDO n'essa tarde, perto das seis horas, o Fidalgo da Torre, airoso no seu fato novo de montar, polainas de couro polido, luvas de camurça branca, florido com uma fresca rosa-chá, parou a egua ao portão da Feitosa — um velho de grandes

cabellos, grandes barbas, grandes farrapos, sentado n'um poial, com uma cabaça e um farnel d'onde comia codêas de pão — immediatamente o informou de que o Sr. Sanches e a Senhora andavam por fóra, de carruagem... Pediu então ao velho que puchasse o ferro da sineta; e entregando ao moço que acudira, o seu cartão — lamentava a tarde desperdiçada, aquelle descontro com a bella Dona Anna, por quem a sua curiosidade andava faminta, desde que a sabia filha de carniceiro e irman do homem que matára o ferrador d'Ilhavo.

— E o Sr. Sanches Lucena, bem?

O moço encolheu os hombros. O Sr. Conselheiro, agora, passava um pouquinho melhor.

— O que? Esteve doente?

— Pois o Sr. Conselheiro, aqui ha umas tres ou quatro semanas, andou muito agoniado...

— Oh! Sinto muito. Diga ao Sr. Conselheiro que sinto muitissimo!

Chamou o velho que repicára a sineta, para o recompensar com um tostão. E, interessado por aquella vistosa imagem de mendigo de melodrama:

— Vocemecê pede esmola aqui por estes sitios?

O homem ergueu para elle uns largos olhos, sujos e avermelhados da poeira e do sol, mas risonhos, quasi contentes:

— Tambem passo pela Torre, meu Fidalgo. E, graças a Deus, lá me fazem muito bem. Até, ás vezes, pedacinho de carne assada, golpesinho de vinho verde...

— Ah! bem... Então, quando lá voltar, diga ao Bento... Você conhece o Bento?

Se conhecia! O Sr. Bento... Senhor muito favoravel, muito acolhedor da pobreza...

— Pois diga, então, ao Bento que lhe dê umas calças, homem! Você assim, com essas calças, não anda decente.

O velho mirou os farrapos negros que lhe trapejavam nas canellas, encardidas e mais seccas que couros enrolando ossos:

— Rôtinhas, rôtinhas... Mas diz o sr. Dr. Julio que assim é que me ficam bem. O sr. Dr. Julio ás vezes até me tira o retrato na machina.

Gonçalo, rindo, picou a egua — enquanto o velho se sentava largamente sobre o poial, mettendo os dedos abertos, como pentes, pelas barbas, para as espalhar com magestade.

Gonçalo seguia lentamente para a Riosa, com a idéa de passar deante do casal do Pereira, a *Giesta*, e estudar a abastança do homem pela apparencia da morada. Mas, ao atravessar o Cruzeiro, deante da estrada que leva a Corinde, direita e toda toldada de densa ramaria, parou, notando ao fundo, como o confuso esbarro d'uma grande carrada de lenha, e uma carriola da villa, e uma mulher de lenço escarlata bracejando sobre a albarda d'um burro, e dous lavradores de enxada ás costas. E, de repente, todo o encalhe se desgrudou — a mulher trotando no seu burrinho, o carro avançando para elle a chiar lentamente, os homens logo sumidos n'um atalho sob o arvoredo. Na estrada só restou, como desamparado, um homem de jaqueta ao hombro, que se arrastava penosamente coxeando. Gonçalo trotou logo para a lamentavel creatura:

— Vocemecê que tem?

O homem parára, com a perna encolhida, levantando para Gonçalo a face arrepanhada enfiada, que reluzia sob camarinhas de suor:

— Nosso Senhor lhe dê muito boas tardes, meu Fidalgo! Ora o que hade ser? Desgraças d'esta vida!

E, gemendo, contou a sua historia — porque, quando a gente tem uma mazella, tudo lhe cahe n'ella! Havia mais de um mez, padecia d'uma chaga n'um tornozello, que não fechava nem a remedios, nem a bemzeduras... E agora andava alli arriba, na fazenda do sr. Dr. Julio, a con-

certar um socalco, para ajudar um compadre também doente com maleitas — e, zás, desaba um pedregulho que tópa na ferida, leva a carne, até parece que quebrára o osso, o deixára n'aquella lastima... Tivêra mesmo de rasgar a fralda, forte pena! para ligar o tornozello, e amarrar por cima o lenço.

— Mas assim não póde andar, homem! D'onde é vocemecê?

— De Corinde, meu Fidalgo. Manoel Sólha, do logar da Finta. Até lá, sempre me hei-de arastar...

— E então d'essa gente toda, que ahi estava ha bocado, ninguem opoude ajudar?... Uma carriola, dous latagões...

Uma rija guinada, no lento esforço de firmar a perna, arrancou um grito ao Sólha. Mas sorriu, arquejando. Que queria o Fidalgo? Boa gente. Mas cada um, n'este mundo, tem a sua pressa... Emfim, a rapariga do burro promettêra passar pela Finta, para avisar, mandar um dos rapazes d'elle, com uma eguasita que tinha, que, ainda assim, por desgraça, andava também manca!

Immediatamente o Fidalgo da Torre desmontou:

— Bom! Então, egua por egua, já vocemecê tem aqui esta...

O Sólha embasbacou para Gonçalo:

— Ora essa! Santo nome de Deus! Pois eu havia de ir a cavallo, e V. Ex<sup>cia</sup> a pé?

Gonçalo ria:

— Homem, com essas discussões de « eu a pé » e « você a cavallo », e « faz favôr » e « não senhor », é que perdemos um tempo precioso. Monte, esteja quieto, e trote para a Finta!

O outro recuava para a valleta da estrada, sacudindo a cabeça, esgazeadado, como no espanto de um sacrilegio:

— Isso é que não, meu senhor, isso é que não! Antes aqui n'este caminho me acabasse o pavio da vida, com a perna feita em bolôr!

Gonçalo bateu o pé, com auctoridade:

— Homem, monte, que mando eu! Vocemecê é um lavrador de enxada, eu sou um Doutor formado em Coimbra, sou eu que sei, sou eu que mando!

E puxou pelo braço do homem, que cedeu, logo submisso, ante aquella força deslumbrante do saber superior, e, em silencio, respeitosa, agarrou a crina da egua, se alçou no estribo, ajudado pelo Fidalgo, que, sem tirar as luvas brancas, lhe amparava o pé entrapado e manchado de sangue.

Depois, quando elle se firmou no selim com um longo ah! alliviado:

— Então, que tal?

O homem só murmurava o nome de Nosso Senhor, na gratidão e no espanto d'aquella caridade:

— Mas isto é a volta do mundo... Eu aqui, na egua do Fidalgo! E o Fidalgo, o Sr. Gonçalo Ramires, da Torre, ao lado, pela estrada, a pé!

Gonçalo gracejou. Pois não era justo, entre gente christã, que o estropeado montasse, o não apeasse? Depois, para entreter a caminhada, perguntou pela quinta do Doutor Julio, que agora se deitára a plantar toda a terra á vinha... E como o Manoel Sólha conhecia também o Pereira Brasileiro (que pensára em arrendar as terras do Doutor Julio) conversaram sobre esse esperto homem, sobre a *Cortiga* — de modo que o lavrador, direito sobre o selim, e no gosto daquella intimidade com o Fidalgo de Santa Ireneia, quasi esquecia o desastre e a chaga.

Assim se avizinhavam da Bica-Santa, um dos sitios decantados d'aquellas cercanias formosas. A estrada ahi costêa um monte e fórma como um liso, arejado terraço, a Meia-Laranja, donde se abrange todo o valle de Corinde, tão rico em casaes, arvoredos, seáras e aguas. Do pendor do monte, coberto de rijos carvalhos e de fragas musgosas, bróta a fonte nomeada que, desde o tempo d'El-Rei D. João V, cura males d'entranhas, e que uma devota senhora de Corinde, D. Rosa Miranda Carneiro, mandou encanar desde o alto até ao eirado, onde ella agora corre beneficemente, por uma bella bica de ferro, sob uma imagem de Santa Rosa de Lima. De cada lado do tanque se encurvam dous longos bancos de pedra, que a densa, espalhada ramaria das carvalheiras do monte tolda de sombra, de silencio, de frescura e de paz. É um suave sitio onde se comem merendas, e onde, ranchos de senhoras dos arredores se vêm sentar á tardinha, com o crochet ou com o jornal, gozando a quieta, povoada, luminosa, verdejante largueza do valle.

Antes, porém, de desembocar na Meia-Laranja a estrada de Corinde quêbra n'uma volta: — e, ahi, de repente, a fina egua pulou, n'um reparo, que obrigou o Fidalgo, desconfiado da pericia do Sólha, a deitar a mão á cambra do freio. Fôra o encontro inesperado d'uma carruagem — uma caleche forrada d'azul, com parelha coberta de rédes brancas contra a môsca, e na almofada, têzo, um cocheiro de bigode, farda de golla escarlate e chapêo de tópe amarello. E Gonçalo mantinha ainda a egua pelo freio, como arrieiro serviçal em trilho perigoso, — quando avistou e logo reconheceu junto da fonte, sentado no banco de pedra, com um chale-manta por cima dos joelhos, o velho Sanches Lucena. Ao lado o trintanario, agachado, esfregava, com um mólho d'herva, a botina suja que a bella D. Anna lhe estendia erguendo o vestido claro, apoiando a outra mão, sem luva, na cinta vergada e fina. E foi em todos um pasmo immenso! Gonçalo estacára, soltando a rédea, tirando o chapêo, n'um alvoroço risinho.

Sanches Lucena esbugalhava os olhos, esbugalhava os oculos áquella desconcertada apparição do Fidalgo da Torre empoeirado, puxando pela rédea o seu cavallo, onde se escarranchava, pesadamente e como esbarrondado, um cavador em mangas de camisa! D. Anna recolhêra bruscamente a botina, logo direita, na gravidade con-

ahi tivêra o desgosto de saber, por um moço da quinta, decerto terrivelmente exagerado, que o Sr. Conselheiro andára, nas ultimas semanas, doente... E, então como estava? como estava? — Oh! a physionomia era excellente!

— Pois não é verdade, Sra D. Anna? O aspecto é excellente!

Com um ondear de cabeça, que agitou sobre o seu chapéu de palha vermelha, um immenso mólho de plumas brancas, ella volveu n'uma voz gorda, roliça, quasi papuda :

— O Sanches Lucena agora desfructa melhor saúde...

— Um pouco melhor, sim, com effeito, muito agradecido a V. Ex<sup>cia</sup>, Sr. Gonçalo Ramires! concordou o excellente homem, arrepanhando para os joelhos o chale-manta, que, no assombro, lhe escorregára.

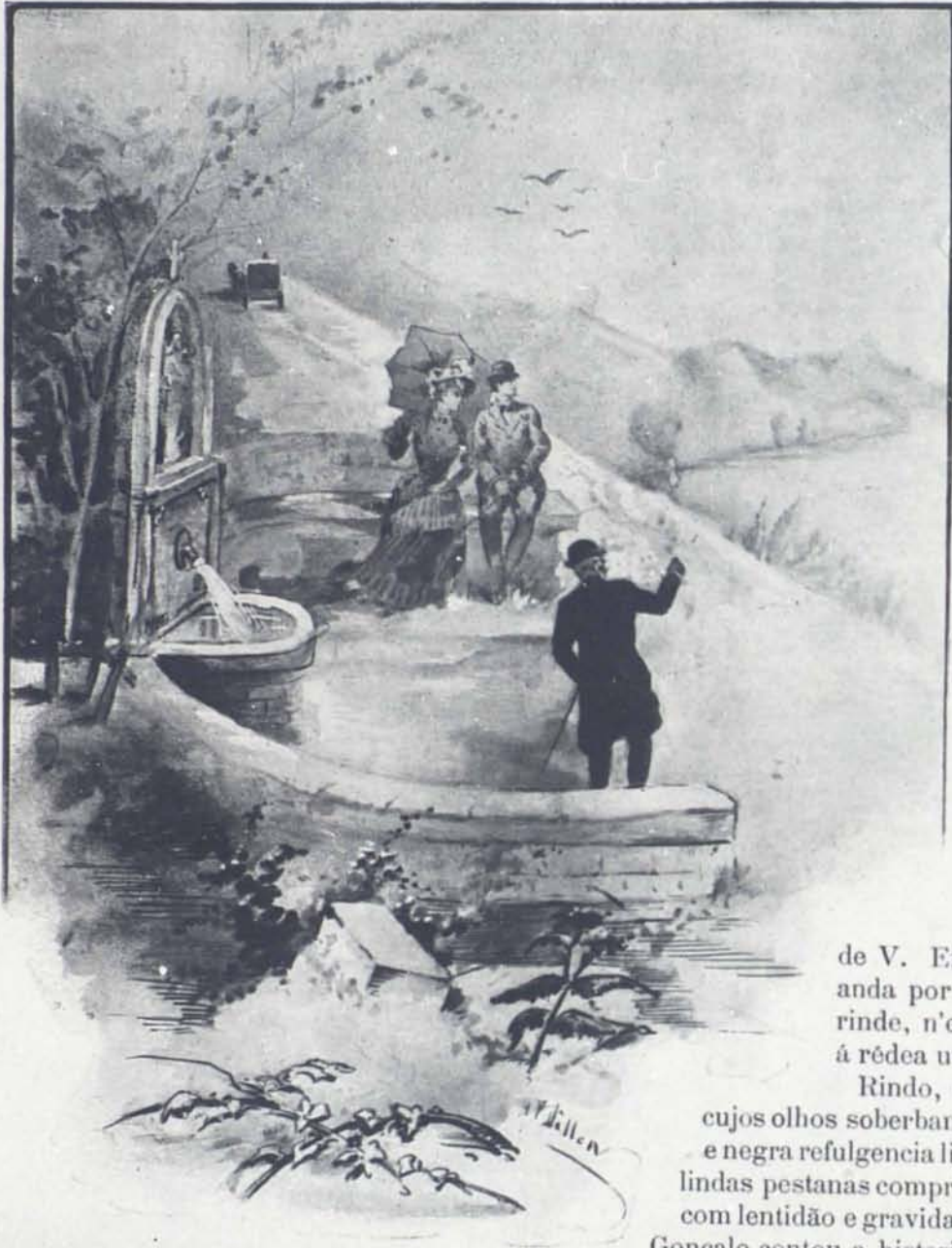
E, com os oculos a luzir, encarniçados para Gonçalo, na curiosidade que o abrazava, quasi lherosára a face afilada, amarella como um velho pergaminho, donde as suissas pendiam escoadas e finas :

— Mas, com perdão de V. Ex<sup>cia</sup>, como é que V. Ex<sup>cia</sup> anda por aqui, pela estrada de Corrinde, n'este estado, a pé, trazendo á rédea um lavrador do campo?...

Rindo, sobretudo para D. Anna, cujos olhos soberbamente negros, d'uma funda e negra refulgencia liquida, se cerraram, sob as lindas pestanas compridas emquanto compunha, com lentidão e gravidade, uma prega do vestido, Gonçalo contou a historia simples, d'aquelle bom homem, que elle encontrára no caminho, arrastando a perna escalavrada...

— De sorte que lhe offereci a minha egua... E, até se V. Ex<sup>cia</sup> me permite, minha senhora, é necessario que eu combine com elle o resto da jornada...

Rapidamente, voltou ao Sólha, que, de chapéu na mão, encolhido sobre o sellim, como atenuando a sua grandeza, logo se desestribou para desmontar. Mas já Gonçalo lhe ordenava que trotsasse rijamente para casa, e lhe mandasse a egua por



digna da senhora da Feitosa, alteando o bello peito, retomando, como uma insignia, a grande luneta de cabo d'ouro, suspensa por um grosso cordão d'ouro. E até o trintanario embasbacára para o Sólha.

Mas já, no seu desembaraço elegante, Gonçalo n'um relance, saudára D. Anna, apertava com fervor, a mão espantada e molle do Sanches Lucena, e, alegremente, se congratulava por aquelle encontro ditoso! Justamente vinha da Feitosa! E

um dos seus rapazes, alli á Bica-Santa, onde elle esperava com aquelles senhores. E quando o Sólha largou, saudando desesperadamente, vermelho, envergonhado, como impellido a seu pezar pelos acenos risonhos com que o Fidalgo o despedia, o espanto do Sanches Lucena recomeçou :

— Ora uma cousa d'estas! Eu tudo esperaria, tudo... Menos o Sr. Gonçalo Mendes Ramires, a trazer á rêdea, pela estrada de Corinde, um cavador d' enxada! É a repetição do Bom Samaritano... Mas para melhor!

Gonçalo gracejou de novo, sentado no banco, junto de Sanches Lucena. Oh! se o Bom Samaritano apenas offereceu o seu burro a um Levita doente, não merecia tão amavel pagina do Evangelho. O bom Samaritano decerto mostrara virtudes mais bellas... — E para D. Anna, que, sentada do outro lado de Sanches Lucena, espalhava a luneta, com lentidão soberana, pelas arvores e pela Fonte que ella tão bem conhecia :

— Ha çous annos, infelizmente, minha senhora, que eu não tenho a honra...

Mas Sanches Lucena despedio um grito :

— Oh! Sr. Gonçalo Ramires! V. Ex<sup>cia</sup> traz sangue na mão?

O Fidalgo mirou, espantado. E descobrindo, sobre a luva de camurça branca que conservava na mão esquerda, manchas avermelhadas :

— Oh, não é sangue meu! foi naturalmente quando o Sólha montou, e eu lhe segurei o pé escalavrado...

Arremessou a luva para traz do banco de pedra, para sobre as hervas crescidas. E continuando o sorriso carinhoso :

— Com effeito, não tenho a honra de encontrar a V. Ex<sup>cia</sup>, minha senhora, desde o baile do barão das Marges, em Oliveira, o famoso baile de Entrudo... Ha mais de dois annos. Ainda eu era estudante... Até fui vestido á D. João V, e com trages authenticos. E V. Ex<sup>cia</sup>, ainda me recordo bem, estava esplendidamente, de Catharina da Russia...

E enquanto a envolvia, debruçado, no sorrir dos olhos finos e meigos, pensava : « Formosa femea! mas antiphatica! » D. Anna, cujos dentes pequeninos, d'um esmalte humido, lampejaram, entre a vermelhidão fresca dos beiços grossos, tambem se recordava do baile dos Marges :

— O Cavalheiro, porém, está equivocado. Eu não fui de Russa, fui de Imperatriz...

— Ah! sim! d'Imperatriz da Russia, de Grande Catharina!... E d'um gosto! d'um brilho!

Sanches Lucena, que se concentrara, estendeu um dedo longo e descarnado inclinou para Gonçalo os oculos d'ouro :

— E veja V. Ex<sup>cia</sup> como tambem me lembro. Sua mana e minha senhora, a Sra. D. Graça, trazia um trage de lavradeira de Vianna!... Foi uma for-

mosissima festa; nem admira; o nosso Marges é sempre esmerado e primoroso... E desde essa noite não tornei a encontrar a mana de V. Ex<sup>cia</sup> em intimidade. Apenas de longe, na missa...

De resto pouco residia agora em Oliveira, apesar de lá ter casa montada, creadagem, até cocheira, porque, ou fosse do ar ou da agua, não se dava bem na Cidade!

Gonçalo acalorou mais o seu interesse :

— Mas, então, realmente, V. Ex<sup>cia</sup> o que tem tido?

Sanches Lucena sorriu com amargura. Os medicos, mesmo os de Lisboa, os Principes da Sciencia, não se entendiam. Uns que era do estomago — outros que era do coração. Portanto, aqui ou alli, uma viscera importante andava atacada. E tinha crises — más crises... Emfim, com a graça de Deus, e regimen, e leite, e descanso, ainda esperava arrastar uns annos...

— Oh! com certeza! exclamou Gonçalo alegremente. E V. Ex<sup>cia</sup> não pensa que a estada em Lisboa, e as Camaras, e a Politica, a terrivel Politica, o fatiguem, o agitem?...

Não, pelo contrario, Sanches Lucena sempre passava bem em Lisboa. Muito melhor mesmo que na Feitosa. Depois, gosava aquella distracção das Camaras... E conservava sempre amigos em Lisboa, uma roda fina, uma roda escolhida...

— Um d'esses nossos excellentes amigos, V. Ex<sup>cia</sup> decerto conhece. Elle é parente de V. Ex<sup>cia</sup>... O D. João da Pedrosa.

Gonçalo, alheio ao homem, mesmo ao nome, murmurou polidamente :

— Sim, o D. João, decerto...

E Sanches Lucena risonho, passando nas suissas a mão magrissima, muito branca, quasi livida, onde reluzia um immenso anel d'armas de saphira :

— E, cousa curiosa, outro dos nossos grandes amigos é igualmente parente de V. Ex<sup>cia</sup>, e chegado!... Muitas vezes temos fallado de V. Ex<sup>cia</sup>, e da sua casa. De resto, elle pertence tambem á primeira nobreza. É o Arronches Manrique.

— Cavalheiro muito dado, muito divertido, accrescentou D. Anna, com uma gravidade que lhe entumeceu o peito harmonioso e forte.

A Gonçalo tambem nunca chegara esse nome sonoro. Mas não hesitou :

— Sim, perfeitamente, o Manrique... De resto, eu tenho tantos parentes em Lisboa, e vou tão pouco a Lisboa! E V. Ex<sup>cia</sup> Sra. D. Anna...

Mas o Sanches Lucena insistia, deleitado com aquella conversa de parentes e fidalgos :

— V. Ex<sup>cia</sup>, naturalmente, tem em Lisboa toda a sua parentella historica. Assim eu creio que V. Ex<sup>cia</sup> é primo do Duque de Lourençal... O Duarte Lourençal! Elle não usa o titulo, por Miguelismo, ou antes por habito; mas emfim, é ole-

gitimo Duque de Lourençal. É quem representa a casa de Lourençal.

Gonçalo, sorrindo attento, desabotoára o fraque, procurava lentamente a sua velha charuteira de couro :

— Sim, com effeito, o Duarte... Somos primos. Diz elle que somos primos. Eu acredito. Entendo tão pouco d'arvores de costado ! De resto as casas em Portugal andão muito cruzadas ; todos somos parentes, não só pelo lado d'Adão, mas pelos Gódos... E V. Excia, Sra D Anna, V. Excia prefere a estada em Lisboa?

Depois, reparando, que escolhêra um charuto, distrahidamente o trincara :

— Oh ! perdão, minha Senhora... Ia fumar sem saber se V. Excia...

Ella saudou, descendo as pestanas :

— O cavalheiro pôde fumar ; o Sanches não fuma, mas eu até aprecio o cheiro.

No emtanto Sanches Lucena, implacavel, estendera o dedo agudo :

— Pois eu conheço muito, não o Snr D. Duarte Lourençal, não tenho essa subida honra, por óra, mas seu irmão, o Snr D. Philippe... Cavalheiro estimabilissimo, como V. Excia decerto sabe... E depois que talento... Que talento, no cornetim !

— Ah !

— O quê ! V. Excia não ouviu seo primo, o Snr D Philippe Lourençal, tocar cornetim ?

E até a bella D. Anna se interessou, n'um movimento natural :

— Oh ! lindo, tóca lindamente ! O Sanches gosta muito dê musica ; eu tambem... Mas como V. Excia. sabe, aqui na aldêa, com a falta de recursos...

Gonçalo, arremessando o phosphoro, exclamara logo, com sincero alvoroço.

— Então, queria que V. Excia. ouvisse um amigo meu, que é verdadeiramente sublime na viola, o Videirinha !...

Sanches Lucena estranhou o nome, a sua vulgaridade.

— Sim, acudio singelamente o Fidalgo, um rapaz muito meu amigo, de Villa-Clara, o José Videira, ajudante da Pharmacia...

Os oculos de Sanches Lucena cresceram de puro espanto :

— Ajudante da Pharmacia, e amigo do Sr. Gonçalo Mendes Ramires !

Muito ingenuamente Gonçalo contou que, desde estudante, mantivera sempre excellente intimidade com o Videirinha. Tão bom rapaz, tão simples... E na realidade, na viola, um genio !

— Agora tem elle uma cantiga admiravel, que chamou o *Fado dos Ramires*. A musica é com effeito um fado de Coimbra, um fado antigo. Mas os versos são d'elle, umas quadras engraçadas sobre cousas da minha Casa, lendas, patra-

nhas... Pois ficou sublime ! Ainda antes d'hontem, que elle jantou commigo na Torre e com o Titó...

E a este nome, familiar e pueril, Sanches Lucena mostrou ainda reparo, estranheza :

— O Titó ?

O Fidalgo ria :

— É uma velha alcunha d'amizade que nós damos ao Antonio Villalobos.

Então Sanches Lucena ergueu ambos, os braços como se alguém muito querido apparecesse na estrada :

— O Antonio Villalobos ! Mas esse é um dos nossos fieis e bons amigos ! Cavalheiro estimabilissimo ! Quasi todas as semanas nos faz o favor de apparecer pela *Feitosa*...

E agora era o Fidalgo que pasmava d'aquella intimidade a que nunca o Titó alludira, quando, em cavaqueiras de politica, tao profusas, no Gago, na Torre, na Assemblêa, se berrava o nome do Sanches Lucena. Mas D. Anna, que se erguera, bruscamente debruçada para o banco, como procurando, a face sumida sob o vasto chapéu emplumado, lembrou ao marido o esfriar tento da tarde a neblina que áquella hora se erguia sempre do valle aquecido :

— Sabes que nunca te faz bem... E tambem não faz bem á parêlha...

Immediatamente Sanches Lucena, receioso, tirou da algibeira um lenço de sêda branca, para abafar o pescoço. E, receioso tambem pela parêlha, logo se despegara pesadamente do banco, com um aceno cançado ao trintanario para apanhar o chale avisar o cocheiro. Mas ainda atravessou, vergado e arrimado á bengala, para o parapeto que resguarda a estrada, sobre o despenhado pendor do monte, dominando o valle... E ahí confessou a Gonçalo que aquelle era, nos arredores, o seu passeio predilecto. E não só pela belleza, mas porque d'alli, sem esforço, sentado no banco, avistava largamente terras suas :

— Olhe V. Excia... Para alem d'aquelle soute até ao monte, onde está a casa amarella e por traz o pinhal, tudo é meu... O pinhal ainda é meu... Acolá, do renque d'álamos para deante, depois do lameiro, é tambem meu... Alli do lado da ermida é do Monte-Agra... Mas, mais para lá, passado o azeite, pelo monte acima, é tudo meu.

O livido dedo, o braço esticado cresciam, por sobre o valle... Alem os pastos... Adeante os restolhos... Tudo d'elle. E, ao lado D. Anna, esquecida n'um sorriso lento com a luneta d'oiro affincada, as narinas mais abertas, o peito mais cheio, contava, recontava as terras do sen homem :

— E agora acolá, detraz do olival, concluiu Sanches Lucena com respeito é sitio seu, Sr. Gonçalo Ramires...

— Meu ?...

— De V. Excia, quero dizer, ligado á casa de



V. Excia. Não reconhece?... Por alli, onde está o moinho, passa a estrada de Santa Maria de Carquêde. São os tumulos dos seus antepassados. Passeio que eu tambem ás vezes faço, e com gosto... Ainda ha um mez visitamos detidamente as ruinas. E acredite que fiquei impressionado. Aquelle bocado de claustro tão antigo, os grandes tumulos de pedra, a espada chumbada á abóbada por cima do tumulo do meio... É de impressionar! E achei muito bonito, da parte de V. Excia, o ter sempre aquella lampada de bronze accêsa de noite e de dia...

Gonçalo engrolou um murmúrio vago e risonho — porque nada sabia da devota lampada, nem da espada. Na verdade, desde creança, nunca entrára em Santa Maria de Carquêde! Mas Sanches Lucena, agora, supplicava um precioso favor ao Sr. Gonçalo Mendes Ramires. E era que S. Excia lhe concedesse a honra de o conduzir na carruagem á Torre... Alvoradamente Gonçalo recusou. Nem podia! combinára com o homem da perna dorida esperar alli, na Bica, pela sua egoa...

— Mas fica aqui o meu trintanario, que lêva a egoa de V. Excia á Torre.

— Não, não, se V. Excia me permite, eu espero. Depois metto pelo atalho da Crassa, por que tenho ás oito horas na Torre, á minha espera para jantar, o Titó.

D. Anna, do meio da estrada, logo atalhou—por que resfriava, convinha que o Sanches recolhesse rapidamente á Feitosa. E o marido cedeu, parando ainda junto da caleche, para affirmar a Gonçalo que aquella tarde lhe ficava celebre...

— Porque, em fim, vi uma cousa que poucas vezes se terá visto: o maior fidalgo de Portugal, a pé, pela estrada de Corinde levando á rédea, no seu proprio cavallo, um cavador de enxada!

Ajudado por Gonçalo, trepou emfim, pesadamente ao estribo. D. Anna já se enterrara nas almofadas, rebuscando posição nobre, com a sombrinha no regaço, depois, com a luneta de cabo d'ouro entre as mãos como uma insignia. O trintanario tambem se entezou, cruzando os braços — e a caleche rolou, apparatusa, com as grandes manchas brancas das rédes dos cavallos na rustica quietação da estrada que as ramarias crusadas velavam de doce penumbra.

« Que massada! » murmurou Gonçalo. Ficára,

para longos annos, farto d'aquelle par! Intoleravel, o Sanches Lucena, e sabujamente massador com o Sr. D. Fulano, e o Sr. D. Sicrano, e a sua furiosa gula da « ródá fina ». E a mulher! esplendida peça de carne, como filha de carniceiro, mas sem migalha de graça ou alma, relles e pretenciosa, boa para agarrar brutaemente, com trez brutos beijos, e logo sacudir, seccamente, com um empurrão saciado. « Tarde perdida! — Que massada! » — E agora, só desejava recuperar a sua egoa, galopar para a Torre desabafar com o Titó, esse familiar da Feitosa, exhalar o seu áscro por toda aquella Sancharia.

A egoa não tardou, a tróte largo, montada pelo filho do Sólha, que, ao avistar o Fidalgo, logo saltou á estrada, a trouxe á rédea, de chapéo na mão,



muito vermelho, balbuciando que o pae chegara bem, e pedia a Nosso Senhor lhe pagasse a caridade.

— Bem, bem! Recados a teu pae... Que estimo as melhoras. Lá mandarei saber.

N'um pulo montára — galopava pelo facil liso atalho da Riosa. Mas, ao portão da Torre, encontrou um moço do Gago, com um bilhete do Titó, annunciando que não podia jantar na Torre, porque partia de manhã cedo para Oliveira...

— Que animal! Para Oliveira tambem eu parto de manhã; mas janto hoje. Até combinavamos o levava na carruagem! Elle que ficou a fazer, o Sr. D. Antonio?

O rapaz coçou pensativamente a cabeça:

— O Sr. D. Antonio passou lá por casa para eu trazer o bilhete ao Fidalgo... Depois, creio que tem festa, porque entrou defronte, no tio Cosme fogueteiro, a comprar bichas de rabear...

Aquellas inesperadas bichas de rabear causaram ao Fidalgo uma immensa inveja :

— E onde é a festa, sabes?

— Eu não sei, meu Fidalgo... Mas parece que é cousa rija porque o Sr. João Gouvêa encomendou lá ao patrão, dous grandes pratos de bolos de bacalhão.

Bolos de bacalhau! Gonçalo sentio como a amargura de uma traição :

— Oh! que animaes!

E de repente, teve a idéa de uma vingança alegre :

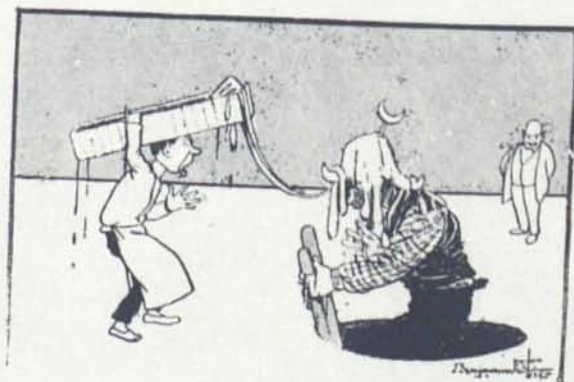
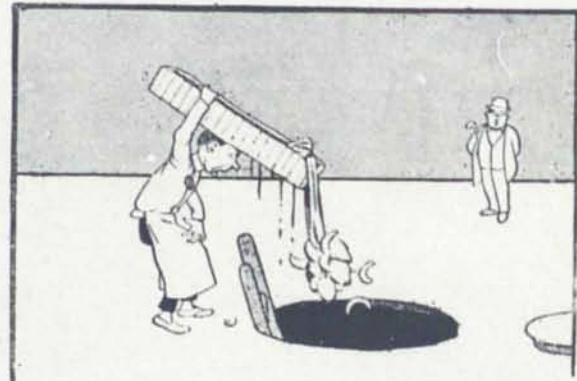
— Pois se vires hoje o Sr. D. Antonio ou o Sr. João Gouvêa não te esqueças de lhes dizer que sinto muito... Que eu tambem cá tinha á noite na Torre uma festa. E havia senhoras... Vinha a

Sra. D. Anna Lucena. Não te esqueças, hein?

Gonçalo subio as escadas rindo da sua phantasia. Mas, n'essa noite, depois das nove hovas, entrando sem luz para buscar uma caixa de charutos na sala azul, que só o grande lampeão dourado do corredor allumiava, e deitando os olhos pela janella aberta, avistou um homem que, defronte, na estrada, lentamente rondava, espreitava... E, apesar de trazer jaqueta e barrete de lã, imaginou reconhecer n'elle os poderosos hombros, o andar bovino do Titó. Ainda abafando os passos se abeirou da varanla... Mas já o vulto entrára sob as arvores, que em frente ao casarão assombrevavam uma quêlha por onde adiante da Partella, se desemboca na estrada de Villa-Clara.

EÇA DE QUEIROZ.

## HISTORIA COMICA



CURIOSIDADE NEFASTA

# NOTICIARIO ILLUSTRADO

## Rubinstein.

A aureola musical que rodeou em vida a cabeça patriarchal do grande pianista e compositor russo, começa a ter agora a consagração historica, devida a toda entidade superior e genial. O segundo anniversario da sua morte foi solemnemente comemorado, não só em toda Russia, mas tambem em todos os outros paizes, sendo nos principaes centros artisticos e musicaes d'Europa, como Berlim, Paris, Vienna, Leipzig, Dresde, Milão, Stuttgart e outros, motivo das mais grandiosas cerimonias e mani-



festações. Nascido a 30 de Novembro de 1830, em Vechvotynetz, pequena aldeia da Besserabia, começou bem cedo o illustre compositor slavo a exhibir um extraordinario e surpreendedor talento musical.

Discipulo de Alexandre Willaig, appareceu pela primeira vez em publico aos oito annos de idade, obtendo grande successo. Mais tarde veiu a Paris, onde se tornou o discipulo preferido do immortal Listz, partindo depois para a Austria, onde encetou o professorado em Vienna e na cidade de Presburgo.

Em 1848, Rubinstein, contando apenas dezoito annos, installou-se em São-Petersburgo, impondo-se á alta sociedade como um admiravel pianista.

Recebido nos salões da Grande Duqueza Helena, os quaes eram, n'essa data, o primeiro centro litterario e artistico da capital russa, foi o joven professor constantemente aclamado, fazendo o encanto d'essas reuniões pelas

suas execuções magistraes. Protegido por essa princeza, foi o grande artista nomeado professor do Conservatorio Imperial, tomando mais tarde a suprema direcção do mesmo, ao qual elle imprimiu uma organização intelligente e superior, collocando-o no primeiro plano dos estabelecimentos de educação musical da Europa. Amigo intimo do bom imperador Alexandre III, que o admirava pelo seu talento, estimando-o como homem, era Rubinstein respeitado como uma verdadeira gloria nacional, universalmente admirada. As suas ultimas viagens na Europa e na America foram verdadeiros triumphos para o celebre compositor, que se via disputado e aclamado como um soberano.

Foi justamente em uma d'essas travessias, sobre o tombadilho do vapor, que o artista se sentiu inspirado pela orchestra incessante das vagas e compoz a admiravel symphonia, *O Oceano*, que, regida pelo auctor, arrebatou o auditorio nos concertos Padeloup.

Ao seu prodigioso talento, perseguido em vão pelos exploradores de celebridades, reunia um coração altamente caridoso e sentimentos de magnanimidade cheios de sincero amor pelos pobres e infelizes. Recusava tenazmente os milhões que lhe offereciam os *barnums* americanos para as *tournées* de lucrativas exhibições, e, com sublime generosidade, organizava e tomava parte em grandiosas festas de beneficencia, que produziam outros tantos milhões, destinados exclusivamente á caridade, aos artistas pobres e ás obras de socorro.

As jovens *demoiselles*, que, cheias de um verdadeiro mysticismo musical, desejavam ardentemente a gloria aos vinte annos, respondia-lhes o mestre,



com paternal espirito, que a mais bella consagração n'essa idade era a de um bom casamento. O velho imperador d'Allemanha, assistindo em Berlim a um dos concertos de Rubinstein, ficou por tal modo impressionado pela execução do artista, que, em meio dos applausos da sala, lhe con-



*Alca. russa 1848*  
*Le directeur de l'Opéra*  
*A. N. Rubinstein*

*Spizak*  
*22. 1848*  
*1895*

feriu a cruz da Aguiá-Negra, unica condecoração que Rubinstein usava, entre as muitas que recebera.

D'entre as suas mais notaveis operas, destacam se, pela belleza e melodia, *Hero*, *Makabeu*, *Demonio*, *Lala Rookl*, *Kalachnikoff*, *Feramors* e outras, representadas com grande successo nas scenas europeas.

*O Christo*, opera-sacra de incomparavel belleza, acaba de alcançar em toda Allemanha um extraordinario entusiasmo. O seu genio poderoso abrangeu todas as manifestações musicaes, e os seus oratorios *Torre de Babel* e *Paraiso Perdido* são considerados verdadeiras obras primas no genero. A individualidade musical de Rubinstein é completamente firmada na Arte.

D<sup>r</sup> Péan.

Na idade de sessenta e sete annos, falleceu a 30 de Janeiro, em Paris, o D<sup>r</sup> Julio-Emilio Péan, que durante trinta annos foi considerado um mestre e proclamado o mais celebre operador do mundo.

Nascido a 29 de Novembro de 1830, nos arredores de Châteaudun, alcançou em 1855, em um concurso, o primeiro logar, sendo em 1860 nomeado auxiliar de anatomia. Em 1865, quando cirurgião dos hospitaes, distinguise por uma observação, unica n'essa data, do ablação da baço, inventando depois o methodo de pinças para a suspensão das hemorragias durante as operações. A partir d'esse momento, a sua notoriedade se tornou universal.

Cirurgião dos hospitaes das crean-



ças, de Lourcine, de S. Antonio e de S. Luiz, só se retirou d'esse serviço activo em 1895, forçado pelo limite da idade; fez, então, construir, á sua custa, o hospital internacional da rua de la Santé, onde operava até pouco antes da sua morte.

Ao D<sup>r</sup> Péan devem-se ainda: o methodo de ablação dos tumores por fragmentação, a hysterectomia pelas vias naturaes, conhecida pelo nome de « operação de Péan », além de cem instrumentos novos ou aperfeiçoados.

Levantando-se invariavelmente ás quatro horas da manhã, dedicava o notavel operador as primeiras horas do dia á redacção de suas lições de clinica cirurgica, hoje reunidas em volume.

Depois das 8 horas, visitava o seu

hospital e, em seguida, attendia aos seus doentes, que largamente o retribuam, sendo a sua clientela a mais rica de Paris.

No seu elegante e luxuoso gabinete do boulevard Malesherbes, cruzavam-se milhares de parisienses, de estrangeiros e de provinciaes, que vinham solicitar do mestre indiscutido um diagnostico decisivo ou uma providencial intervenção.

Aos domingos repousava no seu bello castello des Boulayes, onde os seus collegas da Academia de Medicina o acompanhavam em caçadas, a sua mais agradável diversão.

## O coronel Ruiz.

A guerra de Cuba, - na qual se têm produzido tão tristes e lamentaveis episodios, offereceu ultimamente ao pasmo e á indignação do mundo um exemplo de horripilante barbaridade. Cumprindo ordens superiores, partira o tenente-coronel Ruiz para o campo de um dos chefes revoltosos, onde penetrára sózinho, plenamente confiado na garantia que lhe dava a sua qualidade de parlamentar, e indefeso, sob a protecção do adversario, o official hespanhol negociava a autonomia. Estava quasi finda a sua missão, quando o general Maximo Gomes, chegando ao acampamento dos insurgentes, mandou vir á sua presença o coronel Ruiz, que summariamente foi condemnado á morte e fuzilado. Esse facto de revoltante crueldade causou, como facilmente se comprehende, tristissima impressão, alienando da revolta de Cuba muitas sympathias, principalmente nos Estados-Unidos, onde o movimento insurgente era tão applaudido.



## Um caçador de milhões

O rosto joven e correctamente barbeado que illustra este pequeno texto, é o de um extraordinario ca-



çador de milhões, que aterrorisa a Bolsa de Chicago com as suas collosaes operações.

Na sala azul do Auditorium Hotel e nos elegantes salões da *Prairy Avenue*, os calculistas encasacados e as bellas louras de hombros nus discutem, por entre as fumaradas dos havanas e o fervilhar do *Dry monopol*, as alternativas financeiras do leão do dia.

José Leiter é o nome d'esse futuro Vanderbilt, que pretende alcançar n'um anno a invejada e confortavel situação que os seus patricios millionarios adquiriram n'um seculo. Começando por uma modesta especulação nas minas de petroleo, que lhe deram o lucro de alguns mil dollars, lançou-se apoz essa feliz estrêa, aos titulos das fabricas de conservas, alcançando a respeitavel somma de um milhão. Não contente com a sorte, e bem municiado com essa formidavel *polcra ingleza*, atirou-se ás acções dos caminhos de ferro, e com tal entusiasmo e baseado em taes scientificas combinações, que o resultado adquirido, segundo as chronicas do mercado, foi simplesmente enorme, estupendamente colossal.

Dez milhões de francos foram a recompensa justa de tanta audacia.

É bem possivel que n'este caminho e se a terrivel e fatal reacção não apparecer, o joven especulador provoque, pelas suas operações phenomenaes, um verdadeiro desequilibrio na fortuna publica.

13 fev. 1898

# Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Director: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL

E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

Cada numero contem 32 paginas de texto profusamente illustrado, impresso em excellente papel fabricado especialmente para a « Revista » — e um supplemento — hors texte — consistindo ou na reproducção pela gravura dos melhores quadros ou na publicação de trechos musicas celebres e de actualidade.

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

### BRAZIL

Um anno . . . . . 50,000 reis.  
6 mezes . . . . . 30,000 »  
Numero avulso . . . . . 2,500 »

### PORTUGAL

Um anno . . . . . 12,000 reis.  
6 mezes . . . . . 7,000 »  
Numero avulso . . . . . 500 »

### FRANÇA

e outros paizes da União Postal.

Um anno . . . . . 40 francos.  
6 mezes . . . . . 24 »  
Numero avulso . . . . . 2 »

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTAS CASAS.

### BRAZIL

Rio de Janeiro . . . . . LAEMMERT E C<sup>ia</sup>, Rua do Ouvidor.  
São Paulo . . . . . CASA GARRAUX, Rua de 15 Novembro.  
Pernambuco . . . . . LAEMMERT E C<sup>ia</sup>, Rua Marquez de Olinda.  
Pará . . . . . LIVRARIA COMMERCIAL, Rua João Alfredo.  
Pelotas . . . . . CARLOS PINTO E C<sup>ia</sup>.

### PORTUGAL

Lisboa : LIVRARIA PEREIRA, Rua Augusta. — LIVRARIA GOMES, Chiado.  
Porto : LIVRARIA LELLO E IRMAO, Rua do Almada, 18.

### PARIS

Escriptorio e Administração

48, rue de Laborde

LIBRAIRIE NOUVELLE

Boulevard des Italiens

### LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C<sup>ia</sup>

11, Queen Victoria Street

Partindo brevemente para o Brazil, será nosso representante ahi, com plenos poderes para tratar dos interesses da Revista o nosso distincto amigo e compatriota Snr. Jayme Dias.

Le Gérant : F. RAIBAUD.

# Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRITORES DO BRAZIL E PORTUGAL

E ILLUSTRACÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

*Cada numero contem 32 paginas de texto profusamente illustrado, impresso em excellente papel fabricado especialmente para a « Revista » — e um supplemento — hors texte — consistindo ou na reproducção pela gravura dos melhores quadros ou na publicação de trechos musicaes celebres e de actualidade.*

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL		PORTUGAL	
Um anno . . . . .	50,000 reis.	Um anno . . . . .	12,000 reis.
6 mezes . . . . .	30,000 "	6 mezes . . . . .	7,000 "
Numero avulso . . . . .	2,500 "	Numero avulso . . . . .	500 "

### FRANÇA

e outros paizes da União Postal.

Um anno . . . . .	40 francos.
6 mezes . . . . .	24 "
Numero avulso . . . . .	2 "

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTAS CASAS.

### BRAZIL

Rio de Janeiro . . . . .	LAEMERT E C <sup>ia</sup> .	Rua do Ourador.
São Paulo . . . . .	CASA GAREUX.	Rua de 15 Novembro.
Pernambuco . . . . .	LAEMERT E C <sup>ia</sup> .	Rua Marquez de Olinda.
Pará . . . . .	LIVRARIA COMMERCIAL.	Rua João Alfredo.
Pelotas . . . . .	CARLOS PINTO E C <sup>ia</sup> .	

### PORTUGAL

Lisboa : LIVRARIA PEREIRA, Rua Augusta. — LIVRARIA GOMES, Chiado.  
Porto : LIVRARIA LELLO E ISMINO, Rua do Almada, 18.

### PARIS

Escriptorio e Administração  
48, rue de Laborde

LIBRAIRIE NOUVELLE

Boulevard des Italiens

### LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C<sup>ia</sup>

11, Queen Victoria Street

Partindo brevemente para o Brazil, será nosso representante ahí, com plenos poderes para tratar dos interesses da Revista o nosso distincto amigo e compatriota Snr. Jayme Dias.